

Orgão Oficial de Expressão  
da Associação Portuguesa de Satanismo

# Infernus

Nº XIX XII/VIII Era APS



# Cartoon-h-ell

## King Chaos



### Ficha Técnica

Infernus XIX

**Editor:** Lurker

**Produção:** Fósforo, Colectivo Criativo

**Equipa Editorial:** Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Metzli, Mosath, Outubro

**Colaboradores:** Devis, José de Almeida, José Macedo Silva, Júlio Rodrigo, Naive, Paulo César, Vitor Vieira.

**Revisão:** Metzli

- Imagem da Capa: Raluca State ([greenray.deviantart.com](http://greenray.deviantart.com))

- Pág. 3: Kalina ([karolaczka.deviantart.com](http://karolaczka.deviantart.com))

- Pág. 4: Nuno Rebelo ([nunorebelo.deviantart.com](http://nunorebelo.deviantart.com))

- Pág. 6: Test-Grave ([test-grave.deviantart.com](http://test-grave.deviantart.com))

- Pág. 8, 40: Paulo César ([www.paulocesar.eu](http://www.paulocesar.eu))

- Pág. 10: Andy McDonald ([pandabeau.deviantart.com](http://pandabeau.deviantart.com))

- Pág. 11, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21: Revista Alpha

- Pág. 30, 31: Marta Ferreira

- Pág. 32, 33: Pedro Barros Pereira

- Pág. 34, 35, 39: Marcelo Spacachieri Masili ([marcelomasili.deviantart.com](http://marcelomasili.deviantart.com))

- Pág. 36: Jackie S-L ([jacksl.deviantart.com](http://jacksl.deviantart.com))

- Pág. 41: Nadine Leoncio ([sprocketholes.deviantart.com](http://sprocketholes.deviantart.com))

- Pág. 42: Timea K. Szucs ([dewyfalls.deviantart.com](http://dewyfalls.deviantart.com))

- Pág. 43: Gino ([ginoihap.deviantart.com](http://ginoihap.deviantart.com))

- Pág. 44: George Crane ([were-wolf-101.deviantart.com](http://were-wolf-101.deviantart.com))

- Pág. 46: Armando C F Palhau ([olhares.aeiou.pt/carlosfotos](http://olhares.aeiou.pt/carlosfotos))

- Pág. 47: Hillary Luetkemeyer ([hibbary.deviantart.com](http://hibbary.deviantart.com))

- Pág. 48: Oibyrd ([oibyrd.deviantart.com](http://oibyrd.deviantart.com))

- Pág. 50: Naive

- Pág. 51: Alan ([northernmonkeyz.deviantart.com](http://northernmonkeyz.deviantart.com))

- Pág. 52: Donna ([ladytwiglet.deviantart.com](http://ladytwiglet.deviantart.com))

- Pág. 53: Alexandra Cretu ([another-alecs.deviantart.com](http://another-alecs.deviantart.com))

- Pág. 54: Carlos Ferreira



# Editorial

## Lurker

Este foi, sem dúvida, um dos números mais complicados de editar da revista *Infernus*. Começou desde cedo a perceber-se que a dinâmica de outras edições não estaria presente nesta, pelas mais variadas razões. Continuou refém de um conjunto de situações conjecturais na vida pessoal de quem faz com que a revista vos chegue trimestralmente, que na sua súpula criaram mais do que muitos entraves ao normal fluir do processo editorial e criativo. Finalizou com alguns problemas técnicos que também assolaram a produção. Não foi propriamente fácil, mas também se o fosse qualquer um o podia fazer.

Houve momentos de sombra, em que se conjecturou sobre a validade do projecto. Enquanto é um prazer nunca há motivo para parar, se porventura deixar de o ser é altura de reflectir nas motivações que nos fazem continuar. Felizmente não foi esse o caso, depois da reflexão efectuada – tratou-se mais de um conjunto de circunstâncias infelizes, mas transitórias, do que uma tendência permanente. E portanto, eis aqui uma nova edição.

Claro que depois de todas as dificuldades o sentimento é de grande realização ao ver este número a circular por esse mundo fora. Não deixa de ser sintomático que tantas dificuldades tenham sido sentidas quando decidimos olhar para a História atrás de nós – não querera ela ser observada sob um prisma diferente? Não nos deixamos intimidar e avançamos.

Não é possível desviar o destaque desta edição da longa entrevista que fizemos ao Ludvo, uma figura incontornável do Satanismo em Portugal. Há mais de 30 anos figurava na revista

Alpha, cujo tema de capa era precisamente “Satanismo em Portugal” – recuperamos também a história da revista Alpha, e percorremos as suas edições relembando um marco importante no contexto editorial do nosso país. A *Infernus* não será propriamente uma sua sucessora, mas é inegável a afinidade que sentimos a algo feito numa altura porventura mais complicada do que esta em que vivemos. Uma viagem muito agradável ao passado.

Mas não é só de passado que vive esta edição. Introduzimos dois novos autores nas páginas da *Infernus*, na figura do José de Almeida e do Júlio Mendes Rodrigo – dois bons amigos, dois excelentes escritores e duas mentes que saudamos e damos as boas-vindas às nossas páginas. Que regressem muitas mais vezes!

E claro que não nos esquecemos (como poderíamos?) dos nossos colaboradores residentes e demais convidados. Também eles nos proporcionam ricas passagens, como as visões particulares sobre a História do Satanismo em Itália e no Brasil, dadas pelos nossos habituais colaboradores Devis e Vítor. A *Infernus* é global também ao nível criativo, não nos limitamos a fronteiras, línguas ou outras restrições artificiais. A inteligência tem que ser livre, e tem lugar residente nas nossas páginas.

Posto tudo isto, resta-nos desejar-vos boas leituras enquanto percorrem as páginas da revista. O ano aproxima-se do seu final, um ano que não foi particularmente fácil deste lado das palavras. De qualquer forma, aprendemos, crescemos, evoluímos enquanto indivíduos. E aqui estaremos para mais um ano de edições – assim vos encontre-



### ÍNDICE

<b>Gallaecia</b> -----	4
<i>J. Almeida &amp; J. Rodrigo</i>	
<b>Nascimento do Satanismo Moderno em Itália</b> -----	8
<i>Devis DeV deviLs g</i>	
<b>Alpha - Uma Viagem ao Passado</b> -----	11
<i>Lurker</i>	
<b>Entrevista Ludvo</b> -----	16
<i>Lurker &amp; Black Lotus</i>	
<b>Diabos de Amarante</b> -----	30
<i>BM Resende</i>	
<b>Heranças de Útil Peso</b> -----	34
<i>Mosath</i>	
<b>Scriptas Manu Diaboli</b> -----	41
<i>José Macedo Silva</i>	
<b>Devaneio ou Lucidez</b> -----	48
<i>Naive</i>	
<b>Quem conta um conto aumenta um ponto</b> -----	51
<i>Vítor V.</i>	



mos desse lado para que as nossas não sejam palavras que se percam no vento.

Bom final de ano, entrem em 2011 da forma que mais vos aprouver, e que o próximo seja um ano recheado de sucessos. Só temos que trabalhar para isso. Até ao próximo Equinócio de Primavera! •







# GALLAECIA

## Entre as Brumas do Mito.

*José de Almeida & Júlio Mendes Rodrigo*





***Em resposta à sociedade de massas e da globalização uniformizante que se têm vindo a impor de um modo cada vez mais autoritário, assistimos nos últimos anos, um pouco por todo o lado, a um aumento exponencial dos micro-nacionalismos identitários, numa tentativa clara de redescobrir ou invocar uma certa identidade arcaica, perdida nos alvares da própria História.***

Ao contrário do que tantas vezes se escreve, este fenómeno de busca e eterno retorno ao primordial começa encontra eco em vários períodos distintos da História de Portugal, podendo ser divididos grosseiramente em três grandes momentos. A primeira grande viagem a esse passado arquetipado deu-se durante o período do Renascimento, onde pela primeira vez se associou e adoptou o nome lusitano para entender tudo o que englobava o passado histórico da pré-portugalidade. Foi nessa altura que esse povo do extremo ocidente europeu assumiu a paternidade dos portugueses, mitificando-se desde logo a imagem do seu líder, Viriato, como aconteceu, por exemplo, na obra *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões. Esta perspectiva histórica perdurou ao longo de vários séculos, tendo sido alvo de uma maior projecção artístico-cultural durante os períodos neoclássico e romântico. Em particular na época romântica, assistiu-se a uma curiosa atitude perante esse elo de ligação entre o pré-Portugal pagão e o Portugal cristianíssimo.

As ciências sociais desenvolviam-se, nomeadamente a Historiografia e a Arqueologia que começava a dar os primeiros passos, atraindo a atenção de personalidades como Martins Sar-

mento, o investigador e divulgador da cultura galaico-castreja por excelência. Alexandre Herculano, intelectual dividido entre o romantismo e o positivismo, levantou as primeiras dúvidas relativas à ligação genealógica exclusiva entre portugueses e lusitanos, abrindo portas à integração de outros povos e culturas na grande família portuguesa. Esta posição de Herculano advém das primeiras leituras críticas às fontes romanas, deixadas por autores como Estrabão, que desde sempre orientaram a edificação conceptual teórica das raízes portuguesas.

Assim, baseado nessas fontes, foi sendo ao longo dos séculos desenvolvida uma perspectiva histórica do pré-Portugal a partir da leitura da organização política do império romano, segundo a qual designavam a praticamente toda a região do actual Portugal de Lusitânia, em virtude do conjunto de tribos dominantes a que se dava o nome de Lusitanos. Compreende-se desta forma o modo erróneo como foi pensada a distribuição geográfica e cultural dos povos pré-romanos ao longo de séculos. Já em pleno século XX, intelectuais como Mendes Corrêa, socorriam-se ainda desta visão redutora da cosmovisão cultural do ocidente peninsular, podendo-se entender este comportamento, tendo muitas vezes por base sentimentos patrióticos e nacionalistas que acabavam por convencionar a própria história, como um prolongamento de um romantismo tardio, caracterizado por uma determinada idealização do *ethos* cultural.

Um terceiro momento de identificação com um passado nobre e arcaico, livre de uma religiosidade e cultura política opressora chega-nos, de um modo matizado e desenvolvido, em finais do século XX, inícios do século XXI, manifestando-se essencialmente nos domínios artísticos e culturais mais marginais, nomeadamente nas áreas da música, poesia, literatura e metapolítica.

A descoberta, ainda no século XIX, da pluralidade étnico-cultural existente no território português antes da sua fundação e até da própria ocupação romana, permitiu uma maior percepção da verdadeira dimensão histórica das regiões. No Norte assiste-se assim à confluência de dois grandes povos, os lusitanos e os galaicos que, prolongando a sua área de influência até à finisterra galega, foram, por razões já explicadas, durante séculos integrados no conjunto de tribos lusitanas.

Na realidade, as diferentes tribos que constituíam o povo galaico distinguiam-se em vários pontos dos

***“Esta perspectiva histórica perdurou ao longo de vários séculos, tendo sido alvo de uma maior projecção artístico-cultural durante os períodos neoclássico e romântico.”***

seus principais vizinhos sulistas, os lusitanos, não obstante a existência de alguns traços culturais comuns, nomeadamente em relação a determinadas práticas e ritos. A cultura castreja que caracteriza a Idade do Ferro no Noroeste peninsular constitui uma marca indelével da velha Galécia, coroada de castros, os seus povoados fortificados. É no alto dos montes que encontramos os povoados e cidades amuralhadas, guardadas pelos seus berrões e conhecidos guerreiros graníticos, essas estranhas e misteriosas representações que, rapidamente, despertam o nosso imaginário para uma sociedade de raiz castrense, confirmada factualmente pelos registos romanos, onde ficou registada a feroz e mítica resistência imposta às suas legiões invasoras.

#### **Reminiscências espirituais da Gallaecia**

*“Através dos milénios, haverá uma realidade mundial e primordial, como mito ofídiano, actuando, estruturando e conduzindo o devir do povo português. Mito que vem de sua pré-história, está já presente nos seus dólmenes e persiste ainda nos templos cristãos, nas suas igrejas românicas nortenhas, entre tantas outras como Bravões, S. Pedro de Rates, Vilar de Frades. E ainda nos nossos tempos actuais: no Museu da Sé de Braga existe um dragão, meio serpente, negro e de faces aldo antropomórficas, que, ao alto de varal, é usado na bênção das águas baptismas no sábado de Páscoa. O que virá, mais uma vez demonstrar que o rito bracarense é, no território galaico, um dos mais perturbantes fósseis vivos, da sua religião arcaica, eminentemente ctónica e aquática, criada à volta do mitologema da Tellus Mater.”*

Dalila L. Pereira da Costa em *Da Serpente à Imaculada*.



Coroando a Europa, a região balizada entre o rio Douro e a Galiza conserva ainda o núcleo espiritual da antiga Galécia, cuja mensagem se mantém viva na nossa língua, originária do galaico-português, assim como num conjunto de outros traços culturais facilmente identificáveis.



***“O carácter catequético do românico português e galego conserva na sua matriz uma mensagem dual, constituída por uma parte profana ou pré-cristã e outra cristã.”***



Outrora conhecida pelos gregos como *Ophiusa* ou Terra da Serpentes, a antiga Galécia destaca-se numa hagiografia pagã da Europa pela presença e diversidade dos seus cultos ofídicos, votados à adoração da mãe terra e da fertilidade. Ao contrário dos lusitanos, quando estudamos os galaicos, sentimos uma maior diversidade dos vestígios materiais e arqueológicos em detrimento das fontes escritas, assim, para uma análise destes nossos antepassados, devemos procurar trabalhar de uma forma bem mais esforçada e atenta a reconstrução histórica dos factos, o cruzamento de informação e a leitura simbólica e iconográfica dos achados, contrapondo com a mensagem deixada inscrita nos templos de pedra que se edificaram em épocas posteriores, a partir da cristianização do território. Deste modo, afigura-se imprescindível a leitura atenta do programa escultórico das igrejas e catedrais românicas espalhadas no Noroeste peninsular, de forma a penetrarmos na espiritualidade arcana da velha Galécia.

O carácter catequético do românico português e galego conserva na sua ma-

triz uma mensagem dual, constituída por uma parte profana ou pré-cristã e outra cristã. Ao contrário do que se veio a verificar noutros pontos da Europa, o cristianismo não penetrou de uma forma tão violenta e ortodoxa no ocidente peninsular, moldando-se a uma vivência espiritual anterior, profusamente enraizada na tradição espiritual da região.

Encontramos um pouco por todo o território anteriormente constituente da Galécia, lugares referenciados como castelo, castro, ou pedra dos mouros que, ao longo dos séculos, foram povoando o imaginário popular, procurando encontrar uma origem ou significado para determinados achados arqueológicos, sendo-lhes atribuídas estas designações, tantas vezes convertidas em topónimos. A origem da atribuição destes nomes é facilmente explicável. Geralmente, os topónimos castelo e castro servem para identificar ruínas de estruturas anteriormente pertencentes a povoados fortificados, os castros. A referência a mouros denota a antiguidade conferida a esses sítios arqueológicos pelo imaginário popular, assim como a alusão a mouras encantadas reflecte todo um reconhecimento de práticas religiosas ancestrais, anteriores à chegada do cristianismo. Por mais anacrónico ou impreciso historicamente, assim funciona a idiossincrasia popular, dando azo à criação de contos, lendas e fantasias, enriquecedoras da nossa tradição folclórica.

Uma das maiores curiosidades com que nos deparamos ao ler o que autores clássicos como Estrabão nos legaram nos seus escritos sobre os galaicos é o facto de estes serem vistos como um povo ateu. Ora, Estrabão nunca contactou directamente com este povo peninsular, tendo registado apenas as informações e relatos que lhe chegaram, sempre numa perspectiva muito própria de um cidadão romano, compreendendo todo o etnocentrismo implícito. Esta perspetivação do galaico como um povo sem deuses parte do princípio não figurativo do seu panteão, na medida em que as manifestações da natureza se sobrepunham a qualquer ídolo ou representação, conforme acontecia na maior parte da Europa.

Imperavam os cultos das pedras, das fontes, dos rios, das árvores, das estações, animais e de todas as possíveis formas de manifestação da natureza. Esta característica facilitou o processo de cristianização destes cultos pagãos, o que de certa forma explica a abundância do culto aos santos, às águas santas ou às várias *Nossas Senhoras*, bem como da disseminação do culto das almas,





dando origem às tradicionais alminhas, as pequenas capelas e cruzeiros que abundam em quase todos os cruzamentos e entroncamentos nos meios rurais da Galiza e Norte de Portugal. Só compreendendo a profundidade e extensão desta vivência espiritual é que podemos entender o porquê de, por exemplo, só no Minho português, existirem mais de 900 romarias.

A chegada dos romanos e a consequente ocupação da península por parte das suas legiões desencadearam um conjunto de guerras sangrentas pelo domínio e controlo do território. A indexação da Galécia, resultante da vitória do império romano, trouxe a este território uma panóplia de novos cultos e divindades, verificando-se a romanização de alguns dos cultos autóctones, entretanto adoptados pelos legionários e levados para as suas terras no final do cumprimento do serviço militar.

De origem romana é também a lenda do rio do esquecimento, hoje comumente identificado como sendo o rio Lima. Segundo a tradição, um dos principais medos que assolava as hostes romanas aquando da sua progressão expansionista para ocidente, em direcção da Finisterra, o fim do mundo, era o de atravessar esse infame rio, cujos poderes sobrenaturais faziam com que o navegante perdesse toda a memória do passado. Este mito vem uma vez mais ao encontro de uma ideia divinizadora e purificadora das águas, um traço cultural constante numa região marcada por humidade e fértil.

Foi este o cenário com que o cristianismo se viu confrontado aquando da sua chegada a uma Galécia dotada de uma matriz cultural e espiritual complexa, arcaica e fortemente enraizada nos costumes autóctones, procurando por isso fundir-se com essas velhas tradições ancestrais, dando início à génese embrionária de um heterodoxo, por vezes até paradoxo, Portugal.

Desfeito o Império, Portugal, hoje uma pálida sombra do que fora outrora, agoniza, procurando por isso algumas pessoas encenar a sua morte ritualizada, de forma a fazê-lo renascer entre as cinzas, reescrevendo a sua identidade sagrada e guerreira. Missão levada a cabo, como não podia deixar de ser, pelas mãos de artistas vários e pessoas comuns, nunca por uma classe política.

### Reviver a Gallaecia hoje

*“(…)O laço que unia o Homem e o Sagrado desfez-se com o advento opressor do Cristianismo e dos seus concílios a brandir archotes de escuridão. A cruz oprimiu os símbolos circulares e tudo aquilo que germina no seu interior. A força que aproxi-*

*mava o Homem da Natureza foi encarcerada em sólidas paredes de pedra encimadas por uma cruz e um Deus estrangeiro. Por isso mesmo, o Homem castrejo distanciou o olhar dos seus Deuses e dos poderes da sua terra, envelhecendo ermo do heroísmo selvagem que o fez nascer. Contudo, a expressão mágica da Natureza não pôde ser eclipsada, porque nem os ventos se enterram nem as fontes secam com verdades absolutas e credos onnipotentes.*

*Erguemos falos de pedra a fecundar outeiros em protecção da nossa comunidade, do nosso gado e das nossas terras...pela lei natural, pela herança etnológica e pela força do instinto guerreiro, fonte do ciclo heróico do noroeste da Península Ibérica. Passaram-se séculos e os hinos das hordas ainda se ouvem nos trovões que fendem as pedras, nas lâminas que sangram o porco e nas canções trazidas pelo vento em noites encantadas. O Norte de Portugal quer devolver o Torque ao seu Norte consanguíneo, à Galiza, a nós - a sua cabeça!”*

Sangre Cavallum  
em *Pátria Granítica*

Expoentes máximos de uma contemporânea defesa da unidade espiritual galaico-duriense, os Sangre Cavallum surgem no ano de 1997 das ainda incandescentes cinzas da seminal banda Warriors of Nature, projecto representativo da acção guerreira da editora Forgotten Blood. Segundo Joshua Buckley, aquando da recensão crítica da colectânea Solis Rota, para o número 58 da Vor Tru: *“In the past few years, a proliferation of musicians at least marginally aligned with an Asatru ethic/aesthetic have appeared in practically every corner of the globe. Specializing primarily in extremely limited, cassette-only releases, the Forgotten Blood label deals primarily with European heathen artists from Portugal, a rather distant local to say the least.”*

Criada em Penafiel em 1993 por B. Ardo, Ku Ku Ku e R. Coutinho, a Forgotten Blood tinha por bases de acção a Lei Natural e Tradição. A nobreza e imortalidade da classe guerreira, aliada aos códigos de honra do combate, o sangue e os antigos cultos solares ligados à fertilidade, assim como a progressão espiritual constituíam as principais linhas de posicionamento estético-ideológico desta editora que contava entre as suas hostes com projectos como: Zwickau, Silence, In Artículo Mortis, Soluctu Mors, Draukrubna, bem como os já anteriormente referidos Warriors of Nature, que haviam sido criados com o intuito de dar voz ao ciclo heróico da Galécia e da Lusitânia. Abandonada a sua velha denominação por opção dos seus membros, e adoptada a de Sangre Cavallum, inicia-se um novo ciclo que

## “Coroando a Europa, a região balizada entre o rio Douro e a Galiza conserva ainda o núcleo espiritual da antiga Galécia”

perdura até à actualidade, fazendo deste colectivo um dos mais prestigiados e influentes a nível mundial no que concerne aos subgéneros musicais em que se movimentam.

É também digna de destaque a acção de Johan Aernus, que através da editora Reaping Horde, associada desde os seus primórdios às tradições Celta, Celtibera e Nórdica editou nomes como Wolfskin, Karnnos, Once a Barge, Inverno entre outros.

Na actualidade estes ecos reminiscências do *ethos* espiritual galaico-duriense encontram também repercussão directa em nomes mais underground como Ara, editado pela War Productions, um projecto que deu mais tarde origem a Triarca, ou ainda Dun-Tur, uma banda fundada em 2008 que conta com uma demo intitulada *Cinzas de Sangue*, lançada em 2009 pela Bubonic Productions.

Em todos os casos, a busca identitária pela primordial aurora é bastante vinculada, procurando a mensagem destes bárbaros trovadores contemporâneos derrubar os pilares do Mundo Moderno, invocando um sentimento de reconquista de um tempo ido, iluminado pelas antigas divindades e protegido pelos espíritos solares dos guerreiros graníticos.

*“O desejo da reconquista primordial verifica na morte a ponte dessa reconquista. O que é é, e não pode deixar de ser; o que morre é para o que é o que é e não pode deixar de ser. Deixa de ser o que é onde está, para ser o que é, onde agora se move, caminha e respira. A morte é metamorfose, uma entrada na neblina escatológica - como uma pessoa que se afasta de nós numa curva de caminho, e deixamos de ver, sem que deixe de existir.*

Pinharanda Gomes  
em *A Patrologia Lusitana*. •



# Nascimento do Satanismo Moderno em Itália

*Devis DeV deviLs g*





## É virtualmente impossível traçar uma curta história do Satanismo em Itália.

Ninguém pode negar que o território Italiano é verdadeiramente a terra do Vaticano. Neste país o Satanismo surgiu como uma reacção sã ao envenenamento da religião cristã. E para encontrarmos o surgimento do Satanismo temos que retroceder até ao mais antigos cultos Pagãos. Na verdade, os arcanos povos politeístas nunca se referiam a si próprios usando esse termo. “Pagão” é um termo derivado do Latim “*paganu*”, que significa “residente no país” e os cristãos usavam-no como um insulto.

Desde o seu início que o cristianismo alastrou mais nas áreas urbanas do ex-Império Romano do que nas áreas rurais. Rapidamente o termo “*paganu*” tornou-se um calão pejorativo para todos os que praticavam uma forma de espiritualidade diferente da cristã. Aos olhos dos cristãos, os habitantes rurais eram pecadores praticando a idolatria, feitiçaria e mesmo adoração do Diabo. Isto porque de acordo com o cristianismo os antigos Deuses adorados pelos pagãos eram apenas Demónios, como retratado no livro “*Dei e Diavoli del Paganesimo morent*” “*Deuses e Demónios do moribundo Paganism*”) de Carlo Pascal, publicado pela Edizione i Dioscuri em 1988.

Não podemos retratar aqui no espaço disponível uma história de dois mil anos envolvendo ritos folclóricos, heresia, bruxas e pensadores livres. Será mais proveitoso reduzir o âmbito deste texto à análise do local e data de surgimento do Satanismo moderno Italiano.

Claro que muitas pessoas pensam em Crowley quando se fala de Satanismo em Itália. Isto porque a “Grande Besta” (como se auto-intitulava) mudou-se em 1920 para Cefalù, na Sicília, para criar o seu “*Collegium ad Spiritum Sanctu*” “*Colégio do Espírito Sant*”), também conhecido pela Abadia de Thelema. A Abadia cessou a sua existência em Abril de 1923 quando o governo fascista Italiano expulsou o mago e os seus seguidores. E de facto nada mais do que as ruínas sobraram do trabalho do mago dentro das paredes da Abadia. Aliás, alguns estudiosos podem apontar que a “Grande Besta” era bastante evidente na sua oposição ao Satanismo.

No seu livro “*Magic*” (publicado por

Samuel Weiser em 1974), escreveu “*o Diabo não existe*”, referindo-se a que o Diabo é apenas uma invenção e que os Satanistas praticam formas pervertidas de artes mágicas (consultar as páginas 220 e 296). Noutro livro, “*As Confissões de Aleister Crowley – Uma Autobiografia*” (publicado por Routledge & Kegan Paul em 1979), escreveu sobre os Satanistas que “*por toda a sua pretensa devoção a Lúcifer ou Belial, eles eram cristãos sinceros em espírito, mas cristãos inferiores na prática, pois os seus métodos eram pueris*” (consultar página 126).

Sendo um estudioso dos assuntos do Oculto e da tradição Satânica, não acho que seja possível resolver o assunto Crowley *versus* Satanismo numa simples linha. É um tema que merece muito mais pensamento e reflexão. Porém, é o suficiente para perceber que a nossa procura tem que se dirigir para outro lugar. Porque temos sempre que manter no pensamento que *Satan* significa “adversário”. Assim sendo, o Satanismo teria que se ter manifestado como um movimento antagónico, particularmente durante tempos revolucionários.

Muitas pessoas não se importam com o facto de a Itália não ser um país antigo. A fundação de Itália data apenas do final do século XIX, quando num processo de guerras e revoluções conhecido por “*Risorgiment*” “*Ressurgiment*”) os diferentes estados da península Italiana aglomeraram-se num estado único. O reino de Piedmont foi o protagonista neste cenário histórico de revolução política e social. A Casa de Savoia (os governantes do reino de Piedmont) nunca hesitou acerca de guerrear com os outros estados Italianos, incluindo os estados Papais. A capital do reino de Piedmont era Turim. Talvez com as suas raízes na propaganda difamadora do Vaticano que representava Turim como a “cidade do Diabo”, ainda nos dias de hoje quase todos os Italianos consideram a antiga capital de Piedmont como a cidade mais Satânica de Itália. Podemos por isso afirmar com razoabilidade que o Satanismo moderno Italiano surgiu em Turim por volta da segunda metade do século XIX.

Durante esses anos o governo proto-Italiano de Piedmont era extremamente tolerante em relação a religiões não católicas, maçonaria e organizações do Oculto. Eram consideradas como armas úteis contra os estados do Papa católico Romano. Graças a estas peculiares e raras condições, o Satanismo Italiano teve a possibilidade de viver uma “época dourada” em Itália. Estes foram os anos em que Giosuè Carducci escreveu o seu “*Inno A Satan*” e Maria Rapisardi escreveu o poema “*Lucifer*”. O Satanis-

mo era entendido como a mais radical demanda por liberdade e conhecimento, uma espécie de corrente derivada do movimento Iluminista Francês que deu nova força ao racionalismo na origem do descarte de superstições católicas e do obscurantismo. O Satanismo não era um exclusivo de poetas, cientistas e estudiosos. Por isso o inteligente regente de Piedmont deu salvaguarda também a eventos mais irracionais que dificilmente seriam tolerados noutros estados Italianos contemporâneos.

Por isso naquela época era frequentemente encontramos nas ruas e praças de Turim todo o tipo de mágicos, feiticeiros ou espíritas. Turim foi também a cidade onde a primeira Sociedade Espírita Italiana foi fundada, em 1856. Entre os entusiastas do Espiritismo encontravam-se vários membros do parlamento, incluindo Massimo d’Azeglio, um antigo primeiro-ministro do reino de Piedmont, como descrito no livro “*I Fantasmi di Torino*” “*Os Fantasmas de Turi*”), de Renzo Rossotti publicado pela Newton Compton Editori em 2009.

Provas da “simpatia pelo Diabo” em Turim podem ser observadas na maior parte dos edifícios do século XIX, profusamente decorados com máscaras de pedra a suportar varandas e frescos representando Demónios e o Diabo em todas as formas e feitios. A mais impressionante representação demoníaca deste período de iluminação Satânica pode ser encontrada na Piazza Statuto, que coincidentemente é considerada a área mais reverenciada da cidade por estudiosos cristãos com interesse na história do Oculto.

A Piazza Statuto está situada sobre as ruínas de uma antiga necrópole Romana, o mesmo local onde os Romanos habitualmente executavam criminosos. Os referidos estudiosos usam este precedente histórico para afirmar que a praça tem algo demoníaco. Também afirmam que Turim é um dos vértices de um triângulo de Magia do Caminho Absoluto envolvendo também as cidades geminadas de Praga e Lyon como os outros dois vértices. Mas em Turim está também um vértice de um outro triângulo de Magia do Caminho Relativo, com os outros dois situados em Londres e S. Francisco, como descrito nos livros “*Il Fantasma Dell’Occult*” “*O Fantasma do Ocult*”, de Massimo Centini, publicado pela Ananke em 1998) e “*Torino Città Magic*” “*Turim Cidade Mágic*”, de Giuditta Dembech, publicado pela Ariete Multimedia em 1995). O vértice deste triângulo de Magia do Caminho Relativo em Turim é na Piazza Statuto, e encontra-se precisamente no mesmo local em que está um obelis-



co com um estranho objecto no topo. Na verdade, o obelisco com um astrolábio no topo marca um ponto geodésico representando a 45ª linha de latitude. Os conspiradores anti-Satânicos referem ainda que outra prova que o Mal reside na Piazza Statuto é o principal acesso que lá existe ao sistema de esgotos. Será então o esgoto uma porta para o Inferno?

Provavelmente estão a tentar divergir a atenção das pessoas do monumento colocado no centro da Piazza Statuto. O Conde Marcello Panissera di Veglio concebeu este extraordinário monumento dedicado ao Túnel Frejus. Apresentado em 1879, o monumento tem uma forma piramidal rude, inteiramente feito com enormes pedras retiradas

da escavação do túnel Frejus. No topo da pirâmide está um Anjo alado com um pentagrama na sua testa: sem dúvida uma representação de Lúcifer! Na sua mão direita ele segura uma pena, um instrumento de escrita que simboliza o conhecimento e ciência. A sua mão esquerda está ligeiramente inclinada para a frente, num gesto elegante de imposição da sua vontade sobre os Titãs que estão representados nas pedras em baixo. De acordo com o Conde di Veglio, o monumento é uma alegoria ao triunfo da Razão sobre a força bruta.

Estupidamente, o povo não conseguiu entender esta alegoria e viu o monumento como uma simples memória aos mineiros que escavaram o túnel. Mas ainda de forma mais estúpida agiu o recém-criado governo Italiano muito pouco tempo após a tomada de Roma. Quando todo o território Italiano tinha sido unificado como uma nação única, os políticos queriam ganhar o apoio das massas católicas. Pouco a pouco a tolerância de Piedmont relativamente aos ocultistas decresceu. E em 1890, quando o caso do “juízo dos sonâmbulos” explodiu, tornou-se claro que os Anos Dourados do Satanismo livre em Turim tinham acabado.

O caso dos “sonâmbulos” é o típico vendaval levantado pela comunicação social em redor de um simples caso de burla. De acordo com a imprensa, estas mulheres sonâmbulas eram jovens que

estavam sob a influência de hipnotistas malvados. Estas mulheres cometiam crimes de roubo em transe e acordavam sem se lembrarem de nada do que tinham feito. O julgamento foi bastante atípico, estranho e burlesco, e teve grande eco mesmo fora de Itália, não obstante ter acontecido numa altura anterior à existência da rádio. O julgamento foi um pouco como um espectáculo, e o povo fazia fila para poder vislumbrar as misteriosas “mulheres perdidas” como Caterina Filippa Accattino, com a sua cara pálida e o seu olhar vazio, ou Maddalena Bongiovanni, médium, adivinha e taróloga. Os donos dos jornais colocavam na capa das suas publicações títulos sobre “feitiçaria” para venderem muitas cópias, muito rapidamente. E enquanto a caça às bruxas começava, o Satanismo Italiano retirou-se novamente para as sombras.

Apesar de serem profundamente católicos, os reis da Casa de Savóia invocavam o Diabo e transformavam o seu território num Inferno para saciar a sua ambição real de governar sobre toda a Itália. Eventualmente chegaram ao poder de todo o reino Italiano desde 1861 até ao final da 2ª Guerra Mundial. Quando tiveram que fugir de Itália, para o exílio, refugiaram-se em Portugal, mais concretamente em Cascais, perto da localização da Boca do Inferno! •

*“E para encontrar-  
mos o surgimento do  
Satanismo temos que  
retroceder até aos  
mais antigos cultos  
Pagãos.”*



# ALPHA

# ALPHA

INVESTIC

# ALPHA

N.º 1 • 22 Dez. 76 a 22 Jan. 77

48 PÁGINAS  
30 MIL EXEMPLARES

CIÊNCIA • MAGIA • INSÓLITO

PREVISÃO ASTROLÓGICA

**O QUE VAI ACONTECER NO MUNDO**

NO SISTEMA  
SOLAR  
"CIRCULA"  
UM PLANETA  
GÊME

LEIA  
E  
MEDITE



# ALPHA

**UMA VIAGEM AO PASSADO**

...ESPANHOLA (EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA - LISBOA)  
...LUSO-ESPAÑOLA (EDICION EN LENGUA CASTELLANA - LAS PALMAS - GRAN CANARIA)





*Tomar é uma cidade que me apaixonou. A sua história, a sua mística, o seu passado e o seu presente – mas também os momentos que lá passei e que me deixaram a sua marca. Como a descoberta da revista Alpha, num solarengo dia há alguns anos atrás.*

Tendo decidido passar mais um fim-de-semana na Cidade dos Templários, era Domingo de manhã e passeava pela Rua Serpa Pinto, aproveitando o radiante dia que se avizinhava, quando me deparei com um pequeno mercado de antiguidades. Daqueles que há um pouco por todas as ruas pedonais das nossas cidades e vilas, reunindo pequenos fragmentos do passado de alguém que podem vir a ser histórias no futuro de outra pessoa. Fui passando os olhos pelos diferentes artigos, e naturalmente que me demorei um pouco mais nos comerciantes de livros usados – quando, para minha surpresa, a minha atenção centrou-se num enorme selo de Baphomet em fundo negro nas costas de uma revista. Tomei-a nas mãos e quando a virei conheci a *Alpha*. A partir desse momento tornamo-nos bons amigos.



Como não seria possível apaixonarmo-nos por uma revista que se dedica à Ciência, Magia e Insólito (como apresentado no subtítulo), que apresenta um demónio na contra-capinha da sua primeira edição, que abre essa mesma edição com um editorial (reproduzido na caixa) acompanhado de uma fotografia de uma bruxa em *topless*, e que foca em repetidos números temas como o Satanismo, a Magia e a Ciência? E se isso não fosse suficiente, temos que lhe acrescentar o contexto—Estamos a falar de uma revista que começou a ser publicada em Dezembro de 1976 (!), mais concretamente no dia 22 de Dezembro (talvez um presente natalício antecipado), imediatamente a seguir ao 25 de Abril e ao fim da ditadura fascista em Portugal. Uma revista com mais de 30 anos de história!

Claro que nesse contexto político a liberdade de expressão era um bem dos mais exacerbadados, isto depois de anos de repressão dessa liberdade. Mas, mesmo assim, podemos apenas imaginar o choque que terá sido ver nas bancas do nosso país uma revista com esta temática editorial, com esta frontalidade na abordagem conceptual e gráfica e— a acreditar na ficha técnica— com mais de 30.000 exemplares distribuídos entre Portugal e Espanha (a *Alpha* apresenta-se como uma publicação Luso-Espanhola, sediada em Lisboa e Las Palmas).

Entrando um pouco mais em detalhe neste primeiro número, vemos um primeiro artigo que será também um dos temas recorrentes ao longo de várias edições da revista – os discos voadores. Aliás, esta temática do sobrenatural científico é uma das pedras basilares em que a revista assenta o seu critério editorial, percorrendo várias temáticas relacionadas ao longo de vários números sempre com um espírito científico e documental a governá-la. É também uma das características interessantes da *Alpha* – o seu carácter de investigação quase académica que pretende incutir a muitos dos temas explorados, numa perspectiva refrescante quando comparada à fraca qualidade dos textos que hoje podemos ler impressos nos vários jornais e revistas que pululam nos quiosques do país. Evolução? Pois sim...

Outro dos princípios da *Alpha* com o qual nos podemos relacionar rapidamente é a sua constante postura ateuista. Nesta primeira edição podemos ler vários artigos sobre cosmologia em que é repetidamente contrariada a tese bíblica com a possibilidade de anjos e deuses serem na realidade astronautas de outros mundos que nos visitam re-







O esforço em que importa a elaboração deste mensário tem, para o nosso corpo de Redacção, por contrapartida, ideal e escopo para suprir uma lacuna, que se nos afigura muito importante, em aberto no vasto campo da Informação e opinativo genericamente abrangido pela Imprensa portuguesa.

Trata-se do sector cultural que respeita à Ciência e Tecnologia em paralelo com os temas, menos ortodoxos, relativos às crenças e superstições místico-mágicas tradicionais e às investigações, hipóteses e conjecturas, de moderna lavra, que se convencionou denominar de ciência do insólito, não olvidando entre estes ramos do conhecimento o vastíssimo campo conjectural da parapsicologia e suas abissais implicações.

De antemão enfrentamos o risco, calculado, de logo à partida suscitar-mos a discordância dos cientistas de formação ortodoxa.

Desde já sentimos que a nossa iconoclastia poderá ferir a sensibilidade de todos quanto entendem que o conhecimento positivo se não pode confundir com as superstições mágico-feiticeiras tradicionais, nem se compadece com os devaneios intelectuais em que se comprazem os criadores e cultores da mencionada ciência do insólito.

Ora, por paradoxal que pareça, nós, à partida, também declaramos desde já que estamos perfeitamente de acordo com este critério, que bem define o racionalismo ortodoxo. Simplesmente, não podemos menosprezar ângulos de perspectiva menos rígidos. E, a esta luz, admitimos que o abismo que parece dividir para sempre os dois campos de perspectiva, uma vez definidos como zonas de acção de duas actividades distintas da mente e do espírito humano – a zona do discursivo e a zona do intuitivo – poderá vir a ser colmatado com os frutos mais fecundos e insuspeitos em benefício da cultura e do progresso humano.

Eis a estrela polar que orientará a nossa inspiração e o nosso trabalho de documentação e investigação.

Editorial da Alpha n.º 1

gularmente. Ainda olhando os astros, temos uma previsão astrológica elaborada pelo Prof. Rakar (Arthur Ligne de seu nome, fundou também a revista *Almanaque Zodiaque* e o jornal *Seleções do Insólito*) para sabermos o que iria acontecer no mundo em 1977 – nem todas concretizadas, mas de especial relevo as relativas a Portugal. Já nessa altura se anunciava a decadência da nossa moeda, o que não anda muito longe da verdade também nos dias de hoje. Curioso como a história encontra sempre formas de se repetir...

Claro que tudo isto tem que ser abordado com uma saudável racionalidade. Senão, atente-se na receita para adquirir invisibilidade presente já no terzo final desta edição – coitados dos gatos se fosse eficaz. Mas o melhor ainda estava para vir – depois de um breve artigo sobre os crimes de Charles Manson, somos brindados com uma das míticas fotografias de Anton LaVey, na sua capa e capuz, emergindo de uma (das muitas) abertura secreta na sua (infelizmente) desaparecida Black House. Era a primeira vez que o Satanismo fazia a sua aparição nas páginas da *Alpha*, mas não havia de ser a última.

Já no segundo número volta a temática, desta feita com uma resenha histórica sobre o Diabo e a sua relação com o cristianismo. Entre várias passagens interessantes destaco uma citação de Jean Paul Sartre – “*Quem acredita no Diabo sem crer em Deus?*”. É esta a visão apresentada ao longo das páginas que compõem este artigo, incluindo uma página com a clássica imagem do Baphomet de Eliphas Levi. E é neste segundo número que pela primeira vez surge na contra-capa o referido selo de Baphomet (que iria acompanhar a *Alpha* por mais 11 edições, um número também por si só, significativo) acompanhado de um nome – Ludvo. Um nome que na altura nada significava, mas que nesta edição da *Infernus* recuperamos para o presente.

É já na edição seguinte, a terceira, que Ludvo faz a sua primeira aparição nas páginas da *Alpha*, com um artigo intitulado “*Palavras sobre Satanismo*”, ao longo do qual Ludvo desmistifica a visão cristã do Satanismo e incute pela primeira vez nas páginas da *Alpha* conceitos verdadeiramente Satânicos – como a relativização de termos como Bem e Mal, ou a origem “acusatória” de muitos dos termos utilizados para denominar o Diabo. Um artigo simples, curto, mas imbuído do verdadeiro espírito Satânico. A apresentação estava feita.

No número seguinte, Ludvo regressa com um artigo focando o cântico de

Quimbanda (culto afro-brasileiro nascido da fonte comum ao Vudu das Carabas), mas é no número 5 da revista, publicada em Maio de 1977, que a nossa atenção se centra. A capa é dedicada ao Satanismo em Portugal e ao longo de seis páginas temos uma longa entrevista a Ludvo onde – talvez pela primeira vez no nosso país – alguns dos princípios básicos do Satanismo são impressos numa revista de difusão pública. Esta entrevista é reproduzida também nesta edição da *Infernus*, como forma de celebrar este marco no Satanismo em Portugal.

Passaram-se 33 anos desde a publicação dessa edição da *Alpha*, outro número bastante curioso – principalmente para quem não acredita em coincidências. A *Infernus* é uma digna sucessora da premissa iniciada pela *Alpha*, de publicação de temáticas controversas na nossa língua e com ampla divulgação pública. É mais focada, menos dispersa em assuntos de menor interesse para o que nos prende a estas páginas, e assume o legado que ao longo dos anos foi criado quer pela *Alpha*, quer por publicações posteriores. Acima de tudo, continua a missão de esclarecimento e divulgação do que é verdadeiramente o Satanismo – despido de dogmas, fanatismo ou folclore. Real, como a vida, e tão natural como ela.

A partir desta edição da *Alpha*, o Satanismo começa a ocupar menos espaço no seu critério editorial – repercussões do que tinha sido publicado até então? Chegam a haver edições inteiras sem qualquer referência ao assunto, enquanto que noutras chega a ocupar menos de uma página – isto quando comparado com o volume de espaço que tinha até então ocupado. Também começam a ser recorrentes os artigos mais orientados para a religião cristã, assim como várias incursões pelo exorcismo e pelo folclore tradicional que sagrava na época (como o caso da Ladeira do Pinheiro, perto do Entroncamento).

A revista *Alpha* continuou a publicar-se até 1980, altura em que se perde o registo da sua existência. Deixa 29 números para trás, que apesar do declínio a partir de tenra idade deixa um legado que não só não deve ser desprezado, como não deve ser menosprezado. Pela primeira vez falava-se abertamente de Satanismo em Portugal, pela mão de Ludvo – ao qual chamo, com orgulho e agrado, um amigo. Hoje decano, mas precursor em seu tempo do caminho que a *Infernus* também percorre. E só por isso a referência é merecida. •



# Ludvo Entrevista

*Lurker & Black Lotus*





# O Passado e o Presente Unidos

52060 HE24E

OS GRANDES INQUÉRITOS ALPHA

# O SATANISMO





# EM PORTUGAL

O SACERDOTE SATANISTA  
LUDVO, DA ORDEM MÍSTICA  
DO CÃO, FALA PARA «ALPHA»

Tivemos a sorte de encontrar no sacerdote Ludvo e na sacerdotisa Isabel, satanistas da Ordem Mística do Cão, duas pessoas compreensivas e colaborantes.

Não é fácil, de facto, em Portugal, enfrentar desassombradamente os vivos preconceitos e os profundos prejuízos que no critério público suscita o Culto Satanista.

Ludvo e Isabel, todavia, dedicados ao sacerdócio satanista, fizeram tábua rasa dos tabus sociais e, em benefício da sua causa e dos superiores sentimentos místicos que os inspiram, não hesitam em se revelarem na cena pública aceitando e facilitando a reportagem de ALPHA.

Chegamos ao templo satanista, algures em Lisboa, certa noite de sexta-feira.

O sacerdote Ludvo e a sacerdotisa Isabel envergavam as longas túnicas negras, com estilizados e austeros arabescos vermelhos. No templo, sobre o altar, ardem longas velas negras e vermelhas. As paredes são negras. A atmosfera densa, a luz escassa...

Sobre a parede, por detrás do altar, domina o pentagrama satanista. No altar... sobre o altar, além do crâneo, distinguem-se estatuetas de Entidades satanistas. A mais pequena é a de Maria Padilha, rainha das Pombas Giras; a maior é de uma Entidade satânica africana...

Ainda sobre o altar, à frente das estatuetas, um cálice e um pequeno vaso contêm dois pequenos cilindros, que ardem lentamente. Perto vários objectos indefiníveis, símbolos culturais. Entre eles distinguem-se três cristais de quartzo, talvez.

Em primeiro plano, ainda sobre o altar, vê-se uma grande espada ritual e dois punhais.

A reportagem de ALPHA desloca-se, discretamente, no interior do templo... mas descalça, que os sapatos ficaram à entrada, nos termos litúrgicos satanistas ou código de veneração.

Contudo, a boa vontade do sacerdote Ludvo e da sacerdotisa Isabel apenas nos propicia tirar as fotografias que apresentamos sem que, no entanto, esteja de facto a ser praticado o «ritual negro».

Para além das fotografias do altar e das imagens de culto, as restantes fotos são um simulacro de alguns dos momentos mais importan-

tes do «ritual negro», a ver: cerimónia de abertura, o sacerdote eleva a espada ritual sobre a fronte da sacerdotisa em estado de concentração. Este cerimonial de abertura do «ritual negro» tem por objectivo «limpar» a sacerdotisa; casamento de energias, o sacerdote encosta a sua fronte à fronte da sacerdotisa; este cerimonial tem por objecto uma condensação de energias que facilite o raporto com as Entidades satânicas; invocação, como o nome diz esta parte do «ritual negro» destina-se ao chamamento das entidades satânicas para que participem no acto.

Feita a reportagem fotográfica seguiu-se a entrevista que a seguir publicamos:



**A SACERDOTISA LILITH, FILHA  
DE MARIA PADILHA, RAINHA DAS POMBAS  
GIRAS, INTERPRETA ALGUNS DOS PONTOS  
ESSENCIAIS DO «RITUAL NEGRO»**





ALPHA — O que é satanismo, actualmente?

Sacerdote Ludvo — Tanto actualmente, como no passado e para o futuro, o satanismo é, foi e será, grito de rebeldia contra o conformismo, a inacção e a servidão.

Foi, é e será, a luta contínua do Homem pela apropriação do Mundo, seu conhecimento e sua conquista.

Satanismo é sentido de luta, de inconformismo. É revolução constante, interior e exterior na procura de novas formas, mais simples e perfeitas.

Satanismo é o sentido do natural e harmónico, segundo uma sintonização universal entre o material e o espiritual.

Existem actualmente muitas seitas ditas satânicas que devido à sua baixa formação cultural, envergando roupagens de anticultura, se apresentam segundo formas primárias, nas quais a rebeldia tem simplesmente um valor contestatário mimico-sarcástico, realizando rituais que são apenas representações pantomímicas do objecto da época a ser contestado. Um exemplo típico, a este propósito, é a chamada «missa negra» ou ofício católico do avesso, em que Jesus é desafiado e se lhe suplica que fulmine, se puder» (in *Sobre as Feitiçarias* — Jules Michelet — Edições Afrodite, pág. 130).

O culto a Satã é muito anterior ao evento do cristianismo, portanto é muito antigo o ritual da «missa negra» actualmente praticado. Mas, a antimissa é um ritual falso e ingénuo.

O cerimonial satânico é um cerimonial de fusão de energias, mais vizinho do culto solar da fertilidade do que do molde barroco anticristão.

Note-se, porém, e aqui o afirmo, que o satanismo, ao contrário do que muitos crêem, não é a negação do cristianismo visto que, como já disse, é anterior ao culto cristão. O satanismo é antagónico ao cristianismo porque prega a rebeldia em vez da submissão e do conformismo.

Os dominados só o são porque se conformam com o poder de domínio do dominador; a isto, nós satanistas, dizemos — NÃO!

Outra das adulterações que tem prejudicado a imagem do satanismo deriva da confusão com certa roupagem actual da anticultura; refiro-me à rebelião socio-económico-cultural manifestada, nos últimos tempos, principalmente entre jovens inseridos numa sociedade de consumo.



Esta reacção traduz-se em aberrações sexuais, uso de alucinógenos, etc., práticas que, no contexto da nossa época, são aguçadas lanças apontadas contra a moral burguesa responsável pela sociedade de consumo.

Esta reacção, todavia, apesar de de rebeldia, não é satânica, tem cunho passivo, portanto, transformador.

A transformação do Homem de vir do seu interior e partir de como uma avalanche, não quando, só, simbolicamente!

ALPHA — Pode dar-nos uma ideia da extensão do Culto Satanista em Portugal?

Sacerdote Ludvo — Até ao presente desconheço a disseminação do Culto Satanista em Portugal. Não tenho conhecimento de grupos organizados, mas creio que existem e peço-lhes que tentem estabelecer contacto com a Ordem Mística do Cão, tendo em vista a organização da Fraternidade.

ALPHA — Quais são e como se praticam as cerimónias rituais satanistas?

Sacerdote Ludvo — Existem dois tipos de cerimónias, as exotéricas e as esotéricas; as primeiras podem ser facultadas a não iniciados, as segundas somente aos iniciados.

Os rituais são praticados no templo ou ao ar livre, à meia-noite de sexta-feira.

Segundo a natureza do ritual, os adeptos e os iniciados vestem tónicas negras ou se encontram despidos. A nudez representa um estado vizinho à Natureza, portanto mais capaz de estabelecer uma ligação de transferência com aquela.

Nos rituais mistos é utilizada a túnica devido aos assistentes ainda não estarem perfeitamente familiarizados com a moral satânica, mas, pelo contrário, carregados de modelos morais mundanos que terão de ser modificados.

ALPHA — Pode dizer-nos qual o título esotérico do seu grupo?

Sacerdote Ludvo — Já o disse; Ordem Mística do Cão.

ALPHA — Quantos graus de iniciação se reconhecem no seu grupo?

Sacerdote Ludvo — Sete graus de iniciação.

ALPHA — Como são seleccionados os novos iniciados? Como ascendem de grau?

Sacerdote Ludvo — A escolha dos iniciados é feita directamente pelas Entidades Guias do Templo através de mensagens, onde indicam quais entre os adeptos passam a pertencer ao círculo.

A escolha é baseada na força interior do adepto, sua formação espiritual e moral, bem como a sua dedicação ao Templo.

A evolução do iniciado dá-se com o tempo, segundo um rastreio constante da sua conduta, solidez e perseverança, testada por uma série de provas.

ALPHA — Com que Entidades da «linha negra» actua o seu grupo?

Sacerdote Ludvo — Com as seguintes:

Entidades principais; Lucifer, Astaroth, Belzebu, Satã, Baal, Asmodeu, Aamom, Satanachia, Lucifuge, Set, Belial, Agaliarep, Fleurety, Sargatanas, Nesbiros, Moloch, Nergal, Adrameleck, Belfegor, Kali, Sakhameth, Lilith.

Guias principais (EXUS); Obaluae, Maria Padilha, João Caveira, Veludo,

Capa Preta, Avar, Tranca Ruas, Zeus, Chama de Fogo.

Além das Entidades e Guias, também trabalhamos com as seguintes Falanges: Cemitério, Encruzilhada, Pomba Gira, Grega, Floresta, Mar, Sol, Lua, Elementares Fogo, Elementares Ar, Elementares Água, Elementares Terra, Ludvo, Oriente.

ALPHA — Pode-nos dar uma ideia de uma «missa negra»?

Sacerdote Ludvo — Comunhão da nome «missa negra», pois não praticamos a anti-liturgia católica. Prefiro o nome de «ritual negro», do qual, por motivos óbvios, só posso indicar as unidades de acção; Concentração, Invocação, Casamento de energias, Ofen-

rendas e agradecimentos, Festa ao amor, Fechamento.

ALPHA — Quais podem ser os objectivos do ritual negro?

Sacerdote Ludvo — Comunhão da força interior do Homem com as Forças Cósmicas Negras.

ALPHA — Qual é o papel do «sexo» no vosso culto?

Sacerdote Ludvo — O «amor» fonte de energia, é junção do mundo espiritual e do carnal, é a união dos extremos, portanto, é uma porta para o absoluto!

... É quase meia-noite. Sente-se uma profunda expectativa e tensão entre os presentes. O genuíno «ritual negro» está prestes a começar...





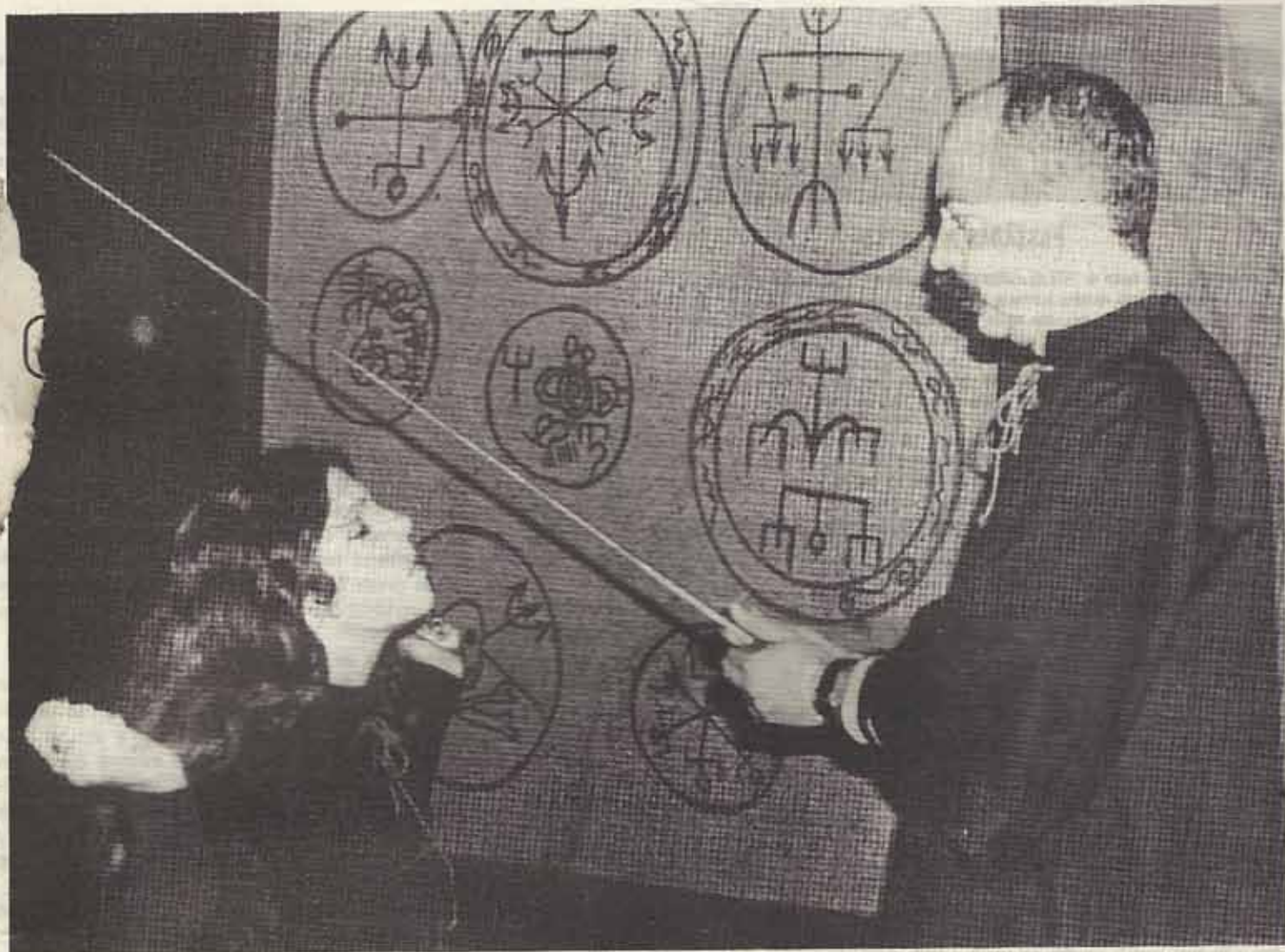


**ALTAR DE UM TEMPLO DA «LINHA NEGRA» — RITUAL SATANISTA** — Os elementos da liturgia tradicional satanista encontram-se sobre o altar: a espada ritual, os punhais, o cálice e a taça com cigarros a arder, as velas acesas, negras e vermelhas, cristais de quartzo, feitiços, um crânio humano, e, o que é mais importante, imagens representativas de entidades da «linha negra» entre as quais se distinguem: a maior, Obaluiaê, do culto quimbanda e, a mais pequena, Maria Padilha, rainha das «pombas giras», além de outras.

**AO LADO: A Obaluiaê, chefe da falange do cemitério — culto quimbanda — equivalente a Baal do Satanismo**







*Abertura do ritual da cerimónia negra — acto de proceder à limpeza da sacerdotisa com a espada (ao fundo simbologia satanista)*



**ALPHA** retira-se, discretamente...

Da rua vemos a sombra maciça do grande prédio, algures em Lisboa. Soa, lentamente, a meia-noite... as badaladas da meia-noite numa catedral próxima...

Sabemos que, à luz das velas, um sacerdote satanista ergue lentamente a espada ritual sobre a fronte de uma linda e jovem — muito jovem! — sacerdotisa, num templo dedicado ao Culto de Satã.

Começa o «ritual negro»... Lucifer, Astaroth, Belzebu, Satã... estão-se aproximando...

**ALPHA** perde-se na sombra e na escuridão das ruas...

**ALPHA**

(Rigorosamente exclusivo — Todos os direitos reservados — Proibida a reprodução total ou parcial do texto ou fotografias)



*AO LADO: Cerimónia do casamento de energias entre o sacerdote e a sacerdotisa. EM CIMA: Cerimónia de invocação das entidades da «linha negra»*





*Ludvo. Um nome que está intimamente ligado à História do Satanismo em Portugal. Um decano Brasileiro, que passou por Angola e que se fixou em Portugal, que colaborou com indivíduos e projectos ímpares, que fundou organizações Satanistas há dezenas de anos e que tem muitas histórias para contar. Foi para as ouvir que fomos conversar com uma figura mítica do Satanismo em Portugal, cujo resultado vos trazemos aqui. A História continua a ser escrita.*

#### **Quem é o Ludvo?**

Se me perguntarem se sou um materialista espiritualista ou um espiritualista materialista, eu não sei dizer. Segui uma linha de vida de um meio social burguês que existia no início do século passado – anos 20 e poucos. Nasci em estado fascista, vivi boa parte da vida no sistema fascista de Getúlio Vargas, depois dos lacaios dele. Fiz parte da Comissão Política Nuclear do Brasil desde 50 e poucos até 61. Entrei na IBM em 61 e do Brasil fui transferido para a IBM em Angola. Estive por lá de 67 a 73. Depois vim para Portugal onde fiquei até hoje.

#### **A política era uma parte importante da sua vida, uma vez que exerceu cargos políticos?**

Na Comissão Política Nuclear tive uma colega que era pianista e estava também ligada à engenharia nuclear. Nós éramos assistentes lá na comissão e comecei a ter um certo contacto com a esquerda. Mas o curioso é que aos meus 7 ou 8 anos comecei a interessar-me por política, mas para uma criança o que é a política? Naquela altura era direita dura, o Eduardo Gomes naquela época era mais acessível. Era dito herói de uma pseudo-revolução e saíram 11 oficiais do forte para fazer a revolução a desfilarem numa rua, claro que isso não era revolução coisa nenhuma.

#### **A sua família teve algum papel nesse interesse pela política?**

Meu pai naquela época estava no interior do país, era um indivíduo excepcional e não era um indivíduo culto

mas era de uma sensibilidade notável, fazia tudo com as mãos e era uma perfeição. Era muito pequeno, e num lugar de muito banditismo nunca vi meu pai armado, mas ninguém levantava cabeça para o meu pai. Ele era extremamente autoritário, e eu também o era. Nunca nos demos bem, um gostava do outro mas havia um certo distanciamento.

#### **E como é que passou dessa direita para a esquerda que referiu antes?**

Tinha vários amigos que eram materialistas puros (como a minha amiga pianista que referi) com quem tinha várias conversas e me indicavam as primeiras leituras que tive. Eu discutia muito também com uma pessoa que era advogada, um indivíduo também culto mas era carola de tudo o que era direito, e numa discussão dessas falou para mim: «quem está passando essas ideias comunistas a você? Eu que nunca tinha tido nada de comunista, comecei a ler Marx, ver o que é que era isso e se deu a descoberta. Eu aspirava a igualdade toda entre os homens e achava que todos deviam ter as mesmas oportunidades, liberdade para mim era fundamental, então andei por aqueles grupelhos de esquerda, grupelho de café, de boteco, que revolucionavam o mundo todo defronte de uma mesa de café e de uns copos de cerveja.

#### **E quando surgiu o seu interesse no Satanismo? Também nessas interações de grupo?**

Um determinado dia apareceu o meu primeiro grito de rebeldia, foi uma tragédia familiar. O meu pai tinha uma







loja muito grande, chovia muito e entrou um cãozinho, magrinho, coitado, todo cheio de frio e se encostou lá num canto. Eu fui para perto do cão e meu pai correu o cão à bordoad. Então aí foi meu grito de descrédito em deus. Dizem que deus é justo, que deus é bom, então eu digo que deus é mentiroso. Então eu sou pelo lado do diabo.

### **E porquê imediatamente essa opção?**

Não fazia ideia o que é que era o diabo, tinha os meus 8, 9 ou 10 anos. Era dicotomia pura, ainda mais porque lá no interior não tínhamos luz, era região de garimpo, região brava, região de matança, era região onde se via alma penada, mula sem cabeça, essas coisas assim. E nas conversas nocturnas, naquelas histórias estapafúrdias, eles pintavam o diabo de um jeito que eu me fui interessando.

### **E interessou-se também em correntes Esotéricas ou Espiritualistas?**

Eu tinha um amigo que falava sempre em candomblé<sup>1</sup> e espiritismo, nunca dei conversa para esse tipo, mas ele me enchia tanto os ouvidos que eu disse ● um dia vou a uma sessão contigo. Era uma sessão de umbanda<sup>2</sup>, você sabe perfeitamente distinguir umbanda de quimbanda<sup>3</sup>, no umbanda só descem os orixás<sup>4</sup> e na quimbanda podem descer orixás mas principalmente descem os exus<sup>5</sup>. No instante em que cheguei todos os médiuns viraram e receberam outra entidade, essa entidade era Exu Caveira. Começou a falar comigo, mas entrava por um ouvido e saía pelo outro. Disseram que eu não acreditava nelas, mas me iam provar que era verdade.

### **E provaram?**

Passado uns dias, eu morava num apartamento junto a outro, muito calor, você para trocar de roupa apagava a luz do quarto para o vizinho não te ficar vendo peladão [risos], e quando eu tirei a roupa e sentei na cama, vi uma figu-

<sup>1</sup> Umbanda é uma religião formada dentro da cultura religiosa brasileira que sintetiza vários elementos, inclusive de outras religiões como o catolicismo, o espiritismo e as religiões afro-brasileiras.

<sup>2</sup> Quimbanda é uma ramificação da umbanda onde actuam os exus e pombas-giras que fazem uso de forças negativas (não significa malignas). Estas entidades trabalham basicamente para seu desenvolvimento espiritual, para que possam evoluir e assim encontrar seu caminho.

<sup>3</sup> Exu é o orixá da comunicação. É o guardião das aldeias, cidades, casas e do axé, das coisas que são feitas e do comportamento humano. A palavra Èsù em yorubá significa "esfera" e, exu é o orixá do movimento.

ra toda de negro. Era bem alta, com as mãos viradas para mim, branco cor de marfim, a cabeça meia triangular e em vez de olhos tinha umas pilas vermelhas como se tivessem luz para dentro. Não falou nada, não sei quanto tempo ficou ● eu não fiquei com medo, mas fiquei apático, sem reacção. Depois passou, e aquilo deixou-me a pulga atrás da orelha.

### **Era essa a prova que lhe tinham prometido?**

Eu voltei lá e aconteceu isso, falaram que tinham provado, mas iam provar mais uma coisa. Que eu daqui a pouco tempo ia deixar o Brasil e sair correndo dali, que ia para África.

### **E foi assim de facto que aconteceu?**

Estava passando por uma separação naquela época, e a mulher que eu estava separando era uma mulher de esquerda. Ela delatou a todo o pessoal que eu era um cara de esquerda de brincado, era aquela esquerda só de amizade. Era amigo do Embaixador da Rússia, que era uma velhota e nós íamos de noite jogar xadrez, comer caviar e beber vodka [risos] e conversávamos de tudo mas nunca conversávamos de política ● falávamos de arte, essas coisas. Pertencia também ao grupo de amigos de Cuba. Tinha um grupo de intelectuais, também nos reuníamos aos Sábados e Domingos para tomar cachaça, comer feijoada e conversar um bocadinho. Ela delatou e quase todos os meus amigos foram embora, desapareceram. Eu recebi um contacto da IBM dizendo que a IBM de Angola estava num estado de revolução e não estava tendo ninguém querendo ir para lá, se eu queria ir para lá. Então eu fui para lá como analista.

### **E começou assim o seu período de vida em Angola. Continuou por lá a aprofundar o seu conhecimento nos domínios do Oculto?**

Naquela época estava debaixo da influência de Crowley mas dentro de quimbanda em África aprendi feitiçaria mesmo, com matanças e esse negócio todo. Na influência quimbanda, eu trabalhava basicamente com os exus, dava-lhe outros nomes mas era ritual de exu. Numa certa altura me aconteceu uma coisa muito estranha. Eu era amigo de um fulano que era um grande produtor de coca lá da Colômbia, mas eu gostava muito da filha dele, fui padrinho do garoto e tudo. Ele me convidou a ir até à Colômbia conhecer a quinta dele e eu fui. Naquela época eu vivia com uma mulher. Aí ela quando chegou lá na Colômbia começou sempre a ver um campo onde tinha uma pedra mortuá-

***"Dizem que deus é justo, que deus é bom, então eu digo que deus é mentiroso. Então eu sou pelo lado do diabo"***

ria, uma pedra sacrificial, e via que eu estava fazendo um certo ritual. No ritual veio um chefe tribal que o tempo todo me chamou águia dourada. E da mesma forma que eu estava fazendo homenagem a ele, ele tinha-me chamado para unir forças ● ali era um cemitério de uma tribo Inca pré-colombiana. Eles eram os carimbeiros, e da mesma forma que ele estava recebendo uma homenagem minha, eles iam fazer uma homenagem a mim. No dia seguinte muito cedo o meu amigo me chamou para andar de lancha lá no lago e o que é que aconteceu? Eu caí. Caí numas pedras, uma pedra me feriu a mão e eu fiquei com a pedra na mão. Depois lavei a pedra e tenho a pedra aqui comigo.

### **[mostrando uma pedra em lugar de destaque na sala]**

O que é que é isso aqui? [apontando para a pedra] Parece um bico, vai ver até a cabeça, de uma águia. Esta foi a pedra que me ficou na mão, aí eu guardei, não separei mais desta pedra.

### **Esse episódio mudou a sua forma de pensar?**

De qualquer jeito esse negócio de anjo, diabo, deus, não cabia na minha cabeça. Até que depois de muitas noites sem dormir, em que eu ficava meditando, me veio o seguinte: eu, você, e tudo isto, tudo é a mesma coisa. Se nós partirmos primeiro de uma forma grosseira do átomo, depois das partículas subatômicas, cada vez indo diminuindo mais, mais, mais, nós vamos chegar na energia pura que é a corda. Só tem vibração, essas vibrações são frequência grandes e vibram em doze sentidos diferentes. As cordas podem agrupar-se e esse agrupamento em cordas ao acaso são o que permite o registo de sucesso ou insucesso. Podem dar origem a formas que podem ser materiais como podem não ser materiais. O que nós chamamos de universo, mas que eu prefiro chamar de cosmos, pode ter até doze universos diferentes todos em comum.



### Em planos diferentes?

Não em planos diferentes, coabitando. Mas um não tem sentido do outro e aí comecei a me intrigar. Porque a matéria, qualquer que seja a matéria, que é de um desses universos, faz com que exista o chamado universo espiritual. Quando digo universo espiritual, eu não digo só os espíritos, a formação que deu com que fosse o homem ou o macaco, mas todo o tipo de energia mental, todo o tipo de energia positiva. Todas as paixões, que são energia. O total cósmico é que a energia e a matéria têm um valor comum máximo • quer dizer, o que tira em matéria sobra em energia, agora a soma das duas é uma constante. Daí é que me veio a ideia que o que nós chamamos de espíritos é uma forma diferente de vida da nossa, puramente energética.

### E como é que essa teoria se enquadra na sua filosofia de vida?

Uma essência, essa energia, essa vibração, tem determinado conjunto de atributos, e eu peguei a palavra Lúcifer, como sendo o portador da luz, luz no sentido de conhecimento e ligado à luz vem a liberdade. Vem a força, vem a sabedoria. A luz mostra algo, mas o que a luz nos mostra é simplesmente uma faceta de alguma coisa, e cabe a nós termos força para examinarmos aquelas facetas, destrinça-las todas e descobriremos através das nossas tentativas o que é certo e o que é errado. Veja bem, o que é certo e errado não é absoluto, o certo e o errado é sempre transitório, relativo. Cada vez que nós aprofundamos uma coisa, nós vamos descobrindo facetas novas e vamos negando as coisas que nós nos arrependemos, vamos colocando novas hipóteses e vamos contrargumentar.

### A verdadeira figura do advogado do diabo.

Esta é a minha filosofia. E uma vez que todas as essências são comuns ao homem, então porque é que invés de conflito não pode haver harmonia e equilíbrio? Só o equilíbrio é que permite evolução. Então o sentido que eu dou à imagem de Lúcifer é da revolução, mas da revolução no sentido de evolução seguindo uma linha física de entropia. Quanto mais desordem, quanto maior o caos, maior é a liberdade individual.

### E como define essa liberdade?

Essa liberdade individual também é uma liberdade esquisita, porque é uma liberdade responsável. De facto ninguém é livre porque todos são presos à responsabilidade da sua liberdade, são







presos a si próprios @ estou escrevendo sobre isso no meu novo livro, e estou suando um bocado. [risos]

**Pode-nos falar um pouco mais desse livro?**

Lúcifer mandou uma essência que o representasse, dizendo que eu e ele seríamos um só. Disse que o bloco já tinha sido plantado agora eu teria que começar a trabalhar o bloco, e se eu não conseguisse fisicamente completar o bloco eu passaria esse bloco para uma outra pessoa capaz de o levar acima. Mas é isso que aconteceu e o mais importante é o seguinte: um dia depois de ele ter dito isto, você me telefonou para fazer a entrevista. Um dia depois.

**Coincidências?**

Outro ponto que foi muito interessante, eu estava sem um tostão em casa e em dois dias pessoas que me deviam quadros me pagaram sem eu ter que pedir nada disso.

**Mas não é esse folclore mais apropriado para uma religião?**

Antes de mais nada eu afirmo que o homem precisa de uma religião, de uma bengala, que ele é incapaz de andar sozinho, não tem coragem de se enfrentar a si próprio.

**Agora ou sempre?**

Sempre.

**Nunca vamos evoluir para não ser necessária?**

Não, eu acho que vamos evoluir, isso é a evolução do cosmos, mas me

lembra bem, a evolução do cosmos tem um limite físico, a expansão e a retracção.

**A soma nunca pode ultrapassar o máximo?**

Exactamente. Deus não existe, deus é energia, e quem criou essa energia? Eu não aceito o Big Bang, mas aceito sim a teoria da concentração até um estado crítico, a partir do qual tem que vir a expansão, num instante que as forças de coerção são maiores que as expansoras, tudo vem outra vez ao normal, num ciclo harmónico @ é vida. Sempre existe, a vida é transformação, se não existir nesta forma existe noutra. Agora eu te digo que tem pessoas que são incapazes de aguentar sozinhas o universo que está no seu interior.

**Há muitas pessoas que não conseguem aguentar o reflexo de si próprias no espelho.**

Exactamente, é preciso ter muita força para conseguir aguentar. As pessoas vivem do eu projectado, são incapazes de ver o eu real, então aparecem os mitos que vêm exactamente ajudar o individuo, o macaco falante, a afugentar um pouco o medo.

**Criamos ali uma máscara que nos ajuda a tapar o reflexo.**

Exactamente. E agora uma coisa – uma energia é energia, nós não temos capacidade de energia, nós temos sim capacidade de receber uma mensagem qualquer e decodificar segundo o que nós pensamos ser a forma de uma energia, é uma interpretação.

**Não acha que essa interpretação às vezes é deturpada?**

Totalmente, totalmente, sempre à luz do que cada pessoa é.

**Mas isso é o que lhe dá a riqueza do individualismo, em que tudo é diferente.**

Exactamente. E esse desequilíbrio que é causado pela interpretação individualista de cada pessoa leva a que a balança se desequilibre, que abra com isso novas formas de ver e assim volte a equilibrar-se.

**E esta alternância constante é que leva então à evolução?**

Exacto, exacto. Esse é um princípio filosófico que muitos ocultistas ou esoteristas defenderam ao longo dos anos, desde há muitos séculos atrás até aos mais próximos, foram-lhe foi dando outros nomes, nomes que para eles faziam sentido, e temos sempre que ver a época em que estavam inseridos, o contexto. Para alguns isso tinha um nome que se calhar para nós não faz nenhum sentido mas a mim o que me interessa mais é a motivação filosófica. Os símbolos que eles agarraram no ar, revestiram os símbolos com uma outra carapaça, mas veja bem sempre no interesse do poder. Muitos acabaram por estar de alguma forma subjugados a isso, começaram talvez até com um princípio muito válido mas o poder os engoliu.

**Será que de alguma forma tentaram ousar tirar a máscara para se verem e não se conseguiram encerrar?**

Não sei, é uma suposição. Daí eu ter





abandonado todo o ritual, mas continuo a gostar do ritual carnavalesco [risos].

### Falando em rituais, como surgiu a Ordem Mística do Cão?

A Ordem Mística do Cão é uma recordação da infância, daquele cão que representou exactamente o que era puro o que era ingênuo, e que distorcido passou a ser um representativo do mal.

### Um arquétipo muito forte.

No interior do Brasil o xingamento, chamar um fulano de quem se não gosta de cão, como os americanos chamam de cadela, de *bitch*, sempre no sentido pejorativo. Um animal que é uma maravilha, que é um dos nossos melhores amigos, é uma inversão.

### Pega-se num símbolo com uma forte imagem positiva e distorce-se.

É, daí surgiu a Ordem Mística do Cão, que para mim foi a minha primeira grande desilusão.

### Porquê?

Porque as pessoas iam para conhecer coisas, não para aprender, mas para saber como é que é fazer feitiçaria para matar alguém, ou para trepar com alguém, ou para curar o cachorrinho. A desilusão vem das pessoas não quererem entender o objectivo mais alto e quererem concentrar-se em coisinhas mundanas. É a mesquinha pura, mas por isso eu rompi.

### Mas qual era o contexto que o fez sentir a necessidade de criar a Ordem Mística do Cão?

Você sabe de uma coisa? Eu vou falar um pouco em mecânica quântica. Numa determinada situação as coisas podem passar de um estado para outro. Foi exactamente uma situação crítica qualquer que foge à minha compreensão, e sobre a qual eu também não me debrucei, porque eu peguei e deu.

### Mas qual era o objectivo ao criar?

O objectivo era conhecer mais coisas, eu acho que a gente aprende através da experimentação e a experimentação quanto maior o núcleo melhor, não só própria mas com outros. Mas que haja outros querendo também, daí a noção de par e não a de mestre-seguintor. E você pode aprender com tudo o que está à tua volta, tudo o que está à tua volta tem ensinamento próprio

### Foi à procura de pares, mas provavelmente encontrou mais seguidores – foi assim?

Foi, foi, com algumas excepções.

## “Então o sentido que eu dou à imagem de Lúcifer é da revolução, mas da revolução no sentido de evolução seguindo uma linha física de entropia”

### Quanto tempo durou a Ordem Mística do Cão?

Não sou muito bom em tempo, mas uns 4 anos.

### E quais foram as suas principais obras, o principal resultado?

O principal que eu consegui dentro do meu trabalho foi fazer com que boa parte das pessoas enfrentassem uma realidade que eram oportunistas, que se assumissem como oportunistas.

### E conseguiu desmascará-los?

Sim, sim, por isso fiquei com uma porção de inimigos. [risos]

### E porque decidiu acabar com a organização?

Muitas intrigas, uns quantos garotos querendo posição de poder. Olha, você sabe como é que eu chamo as minhas essências? Foi feita uma união em que todas as essências seriam iguais, não haveria nada distinto de uma essência para a outra. Além de não haver tratamento especial de uma essência, ia ter que haver disciplina e se houvesse determinado comando «faça» não haveria interrogação «porquê fazer», era faça mesmo! Depois sim, podia-se dizer se estava de acordo se não estava de acordo e os motivos que geraram, para tudo trabalhar muito bem. Mas nenhuma essência trataria outra de senhora, ou chefe, ou isso ou aquilo, mas seria camarada, amigo ou qualquer outra coisa.

### Como se estivessem entre pares.

Exactamente. E tinha entrada livre dentro de casa, se viesse em harmonia e bem, entrava. Nenhuma essência exterior é obrigada a entrar. Tem uma única excepção e caso uma essência exterior esteja provocando algum malefício a al-

guma outra essência ou a um indivíduo vivo, é-lhe dada uma oportunidade. Ela é chamada, se mantiver, ela é destruída. Só isso. Mas é sempre dada uma oportunidade.

### E nessa altura conhecia outras organizações similares?

Conheci em África mas dentro daquele proto-magia, nem chamo de magia, algo anterior, talvez mais simplificado. Mas não sabem nada, viam fazer e é uma cópia e mas não só uma cópia, é uma cópia que com o tempo vai perdendo toda a sua raiz.

### Como uma fotocópia da fotocópia, chega a um ponto em que já não tem qualidade comparada ao original.

É. Conheço lá no Brasil uma mãe de santo que tem qualidades mediúnicas muito boas, tem uma intuição fantástica, mas ela aprendeu essa bagagem empiricamente. Então teve uma pessoa que a comprou para uma tarefa, mandou fazer um trabalho. Ela fazia bolinhos de farinha de água, no bolinho de farinha de água enfiava mercúrio, mercúrio transferido mesmo, e numa encruzilhada feminina, em Y, botava três bolinhos de água em cada uma das passagens. Ora isso é loucura! Um bicho vai, vê aquele bolinho, come, uma criança come, engole o mercúrio. Fazem a coisa de uma forma irresponsável, isso é ignorância pura.

### Tem que se saber o que se faz.

Quem é dito feiteiro tem que estar sabendo o que faz, não é por imitação, é saber as coisas com que trabalha. Com aquele tipo de conhecimento, que é um conhecimento ancestral, conhecimento oral, portanto passado de boca a boca, só basta isso para haver todo o tipo de infiltração e deturpação, de novas ideias. E depois não sabe bem com o material que está trabalhando, mas tem que saber o que está fazendo.

### Maior parte das pessoas perdeu qualquer linha de conhecimento que as liga à raiz de onde elas vêm.

Sim, e depois aquilo surge um bocadinho como um castelo no ar, não há nada em baixo. Sofrem alterações e deturpações que em muitos casos violam o princípio inclusive, sem as pessoas estarem de alguma forma conscientes disso, só porque não entendem, não raciocinam. Não são capazes de contestar. Não reflectem um determinado conhecimento mas aquele conhecimento ao receberem passa a ser verdadeiro.

### A contestação e o estarmos a questionar faz parte do processo evolutivo.





Sim, sim. A verdade é uma utopia, no máximo – é como se caminhasse o tempo todo, cada vez se vai avizinhandando mais, mas chegar lá não chega.

**Atingir algo tão definitivo como isso seria o próprio assumir de um fracasso, desistiu e está contente com o que tem.**

A nossa linha acaba por ser uma linha infinita contínua, estamos sempre aprendendo coisas. O próprio Satanista quando supõe que é o anticristo, eu pergunto: quem era cristo? Oposição a quê? É uma utopia, é uma história.

**Querem tanto ser a face oposta da moeda que se esquecem que a moeda tem duas faces, e portanto eles próprios acabam por ser a moeda.**

É. Em determinada altura da vida, quando somos novos, como quando tinha 8 anos, ou era branco ou era preto, nada é cinzento. O raciocínio dicotómico é o mais simples que existe. Ou é alto ou é baixo, ou é assim ou é assado.

**Quando as coisas são enquadradas em categorias estanques, isso impede-nos de questionar.**

São rotuladas, as pessoas não pensam fora dessa caixa. Romper com esses rótulos faz parte do processo evolutivo, fica a coisa muito padronizada e quando assim é deixa de ser individualista, é repetido, e as pessoas deixam de ser indivíduos e passam a ser autómatos, pensam da mesma forma e respondem às coisas da mesma forma, e isso viola o princípio que deu origem a tudo.

**E de que forma isso compromete os nossos valores?**

Você já viu o seguinte: todos definem o que é bom para ti, não é você que define o que é bom para ti. Nem tua liberdade. Você define o que é que é livre, você é livre pelo que os outros definem que você é livre.

**Caso queira estar a viver em sociedade tem que estar a respeitar as regras dela e essas regras são uma contingência à liberdade.**

Exacto. Eu tenho a resposta disso num livro que eu escrevi e que ele foi recusado a edição, chama-se “Os Cainitas”. A editora falou que era muito forte, atacava a moral, atacava a política, acabava com a religião católica. Eu chamei o livro significando... tempos cruzados, porque era um livro escrito todo dentro de um universo imaginário, um universo de sonhos, onde existia a nação dos filhos de Caim. Primeiro não havia família, não existia nenhum conceito de vida, não havia pai não ha-

## *“De facto ninguém é livre porque todos são presos à responsabilidade da sua liberdade, são presos a si próprios”*

via mãe, qualquer um podia procriar e quem dava a sequência à criação eram animais, tinham capacidade de defesa para preservar a raça. Falava muito também do presente porque todas as figuras viajavam no espaço-tempo, não existia presente nem passado. Fazia um exame a grandes figuras portuguesas mas dentro de uma óptica de mentira, de medo, ficou muito interessante.

**E o que achou quando José Saramago editou o seu último livro, *✱Caim*”?**

Eu disse: porra! [risos] O tema que o Saramago escolheu é primo, só que tem menos imaginação e agora não puxa pelo presente e passado, não transa, não faz a mistura das duas coisas. Por aí se vê bem o contexto editorial, apesar de serem livros que versam sobre um tema semelhante, num caso vende uns largos milhares, noutro caso não querem editar. É o que a população está habituada a comer, já é um prato estilizado e por isso é só abrir a boca e comer, e quando é mais desafiante já não pode ser assim.

**Este livro que já escreveu e o outro que referiu estar a escrever, são aquele bloco que é sua responsabilidade deixar ficar?**

O último, é o bloco. Esse primeiro era, vamos dizer, um livro de crítica social aos costumes. Agora este que estou a escrever não, é filosófico mesmo, não tem brinquedo, é mais sério. Tentei escrever num Português o mais simples possível, tentando evitar palavras complicadas. O primeiro não, o primeiro tem um dicionário atrás, porque falo em muito regionalismo, regionalismo Africano, do Brasil, e aqui de Portugal.

**E tem mais alguns livros escritos?**

Não, apenas esses dois. Estão escritos em Português do Brasil, como é a minha vontade. E tem um pouco de Português arcaico. No primeiro eu queria escrever um pouco em Galego, mas não sei Galego bastante para escrever.

**Quando estará concluído este livro que se encontra actualmente a escrever?**

Estou trabalhando sério mas o trabalho é muito lento porque eu demoro 4 dias escrevendo 2 páginas. Eu tentei fazer 100 folhas, não mais do que isso, senão fica cansativo. Leio, releio, vou ver se está claro, ver se o que está escrito não dá uma outra interpretação, que às vezes pode escrever muito bonito mas...

**Esse segundo livro, é o trabalho de uma vida?**

De uma vida não digo, é o trabalho que me apareceu nos últimos tempos, é o trabalho que eu considero de facto sério. No outro livro você ri bastante, você tem muita coisa para pensar, mas esse daqui não, você tem aqui que ler com muito cuidadinho.

**Uma digestão lenta, portanto.**

O objectivo desse livro não é conseguir de forma alguma seguidores, mas tenho como primeiro objectivo fazer com que as pessoas pensem. Pensem que se alguma coisa é verdade, é que não se ganha mas se conquista.

**E quais foram as suas influências ou inspirações?**

Crowley, mas depois fiquei decepcionado com ele porque comecei a achar que o Crowley não seguiu uma linha coerente. Acho que é importante manter uma coerência, e aí deixei.

**E alguma figura que lhe seja particularmente especial?**

Kali foi uma, que me marcou muito, se bem que a figura de Kali é toda mística e mítica, mas é de uma beleza extraordinária, é de uma imaginação é de uma riqueza tremenda. É a mesma coisa que pegar um rolo de lã e tentar desenrolar, mas se você pegar mito por mito separadamente você encontra maravilhas. Agora mas aconteceu com Kali uma coisa que até hoje eu fico sem saber o que aconteceu. Felizmente não aconteceu comigo sozinho, porque senão eu ia pensar que tinha sido devaneio meu – uma amiga minha procurou Kali e naquela época tinha um amigo que era industrial no Norte (infelizmente já morreu). Na hora que ela incorporou, o cabelo dela pegou todo fogo, fez aquela explosão de fogo, cheiro de cabelo queimado e eu disse – a minha amiga ficou careca. O meu amigo também se assustou, mas sabe que ela não tinha um fio de cabelo queimado? Aquilo me impressionou muito, nunca tinha visto uma coisa assim.



***“As pessoas vivem  
do eu projectado,  
são incapazes  
de ver o eu real”***

**Foi uma das manifestações inexplicáveis a que assistiu na sua vida?**

Vi na minha vida toda umas 3 ou 4 manifestações mas nada assim, nada assim especial, mas coisa assim esquisita nunca mais. Eu tive uma iniciação a Pazuzu, uma coisa que me repugnou um pouco, ter a cabeça toda cortada, depois mataram sobre a minha cabeça umas aves, e você todo nu e cheio de sangue. Tive também uma iniciação lá em África por uma quimbanda, uma coisa esquisita também. Pegou uma faca, ferrugenta mesmo, pegou na minha barriga e eu ouvi o barulho da carne a ser cortada. Depois ela abriu a boca, mostrou a língua e colocou a boca na ferida, chupou e saiu uma trouxa toda preta cheia de alguma coisa que ela cuspiu, e doeu tanto, tanto. Na casa dela tinha galinha, porco, peru, cachorro, era em terra batida. Pegou um bocado de terra do chão, botou na minha barriga, falou umas coisas lá que eu não entendi e eu disse – estou morto [risos]

**Mas de facto não estava!**

Você sabe, 3 dias depois já tinha cicatrizado. Mas a verdade é que aquilo foi a iniciação dela, ela disse que me ia ajudar, e um dia eu a ia ajudar a ela. Até agora nunca ajudei, porque ela já era velha ☉ se ela era velha e eu sou velho agora, ela já deve ter morrido há muito tempo. Eu não tive oportunidade de dar uma mãozinha a ela.

**E continuou essas experiências depois da iniciação?**

Eu em Angola fazia matança, mas era num grupo brasileiro, não sei porque é que eles achavam que eu sabia mais do que eles. Eles me chamavam ☉mão de vaca☉ e fazíamos matança em cemitério com cabrito. Nunca aconteceu nada assim de especial, até que eu fiz uma matança aqui em Setúbal, e depois disso nunca mais fiz. Era uma galinha, e quando ia matar a galinha, que estava espeeneando muito, em vez de cortar o pescoço eu cortei o pé de uma pessoa. Saiu sangue por tudo quanto é lado, fomos correndo ao hospital, deu ponto, depois voltamos para acabar o trabalho.



Depois eu fiquei impressionado, podia ter morto a mulher, nunca mais.

**Até que ponto era importante a componente ritualista?**

Naquele ponto era aprendizagem, você aprende fazendo, era experimentação. Não adianta dizer – faz isto, faz aquilo, pensar que está fazendo, tem que de facto ter certeza do que está fazendo, fazer e ter experiência.

**Mas a componente da matança não lhe parece incorrecta de um ponto de vista Satânico?**

Depois me veio na cabeça, tirar uma vida, não interessa se é uma formiga, um gafanhoto, um sapo ou uma serpente, acaba por ser um desperdício de força vital, é destruir por destruir. Uma coisa que levou milhões de anos a fazer chegar aquele estado.

**Um ritual acaba por ser muito um alinhamento energético, e o sacrifício é mais um desalinhamento energético.**

Exactamente.

**E como se envolveu com a revista Alpha?**

Vou contar uma história. Havia uma pessoa que não quis que o nome dele aparecesse, ele na época já era tão velho, tão velho, que eu não vou dizer que era tão velho como Matusalém, mas devia errar por uns poucos anos. Ele era um sócio da revista Alpha, escrevia bem, eu tinha vindo de Angola, e ele resolveu morar numa casa velha, das ocupações, que pertencia à Sta. Casa da Misericórdia, era um palácio. Aquele negócio estava caindo aos pedaços, uma noite ele chegou em casa entre as 2-3 horas da manhã, sempre cheio de fantasmas, dizia ele. Tinha isso, tinha aquilo, acontecia isso, acontecia aquilo, facas cravavam sozinhas na mesa, e eu que estava farto daqueles contos, tanto me encheu o caso que eu fui na casa dele.

**E qual foi o cenário com que se deparou?**

Era um autêntico pardieiro, um autêntico pulgueiro, nunca vi lugar tão sujo, e eu pensei ☉ onde é que eu me





meti! Fiquei mais ou menos uma hora, escutando história, tinha uns caras lá fumando, chupando uma liambazinha, umas garotas bem sujinhas – olha que eu era boa boca, encarava todo o mundo, mas aquelas eram [risos] demais para o meu gosto. Nós estávamos todos dentro de um quarto que era imenso, estavam uma meia dúzia de fulanos sentados na cama, tinha uma mesa, eu estava sentado mas estava de saco cheio, não acontecia nada, aí eu disse que me ia embora, já estava perdendo o meu tempo ali, quando começam a cair moedas do tecto.

### Moedas?

Moedas. Caíam, rolavam no chão, eu peguei uma daquelas moedas e notei o seguinte – aquela moeda era da Casa da Moeda, ainda não tinha saído. Ainda tinha aquelas rebarbas todas, estava limpinha, limpinha. Eu parei e disse – estão gozando comigo. Algum desses moleques está aí jogando moeda para cima. Então eu mandei todo o mundo se encostar bem na cama, puxei a mesa para o meio desse quarto, botei um papel no tampo da mesa e escrevi se alguém estava querendo alguma coisa. Durante todo o tempo caíram moedas e quando eu olho para o papel, não tinha chegado ninguém perto, tinha um sim escrito, era um poltergeist fortíssimo. Fiz uma invocação lá dentro, tinha levado a minha adaga. Duas noites depois,

em casa, eu acordei ouvindo barulho no meu quarto. Tinha objecto caindo.

### Tinha levado o poltergeist consigo. [risos]

Os objectos que caíram só foram 3, umas moedinhas daquelas que as ciganas usam, aquelas coisas de lata, era lata com um desenho egípcio, e além disso caiu um anel. Esse anel era um anel de chumbo e prata e tinha um buraco, e deu exactamente no meu dedo. Nunca mais apareceu nada, nunca mais houve nada, nadinha, nadinha, só os ratos. [risos]

### Havia muitos ratos em sua casa?

Lá no Campo de Ourique, de vez em quando faziam maratona em cima da minha cama, eu ficava de noite com cacete lá para matar rato. [risos] Mas o bicho era esperto mesmo, eu montava ratoeira, tudo isso, mas eles comiam o queijo e iam embora. De esquisito só tive isso, nada mais.

### Mudando de assunto, a arte é uma parte importante da sua vida?

Muito. Não tenho pintado agora por causa da falta de ar, meu *atelier* lá fora está muito húmido, está muito cheio de bicharoco porque eu nunca limpei, não gosto que entrem lá para limpar. Um dia eu vou pegar uma empregada para mandar limpar, mas também a madeira em si está cheia de bicho, está caindo a

*“A desilusão vem das pessoas não quererem entender o objectivo mais alto e quererem concentrar-se em coisas mundanas”*

toda a hora, e eu não estou para levar com um telhado em cima da cabeça. [risos]

### É problemático estar a separar-se da sua obra?

É, talvez não mais, mas antigamente ficava muito preso, agora não, já me desliguei das coisas.

### Alguma que tenha saudades?

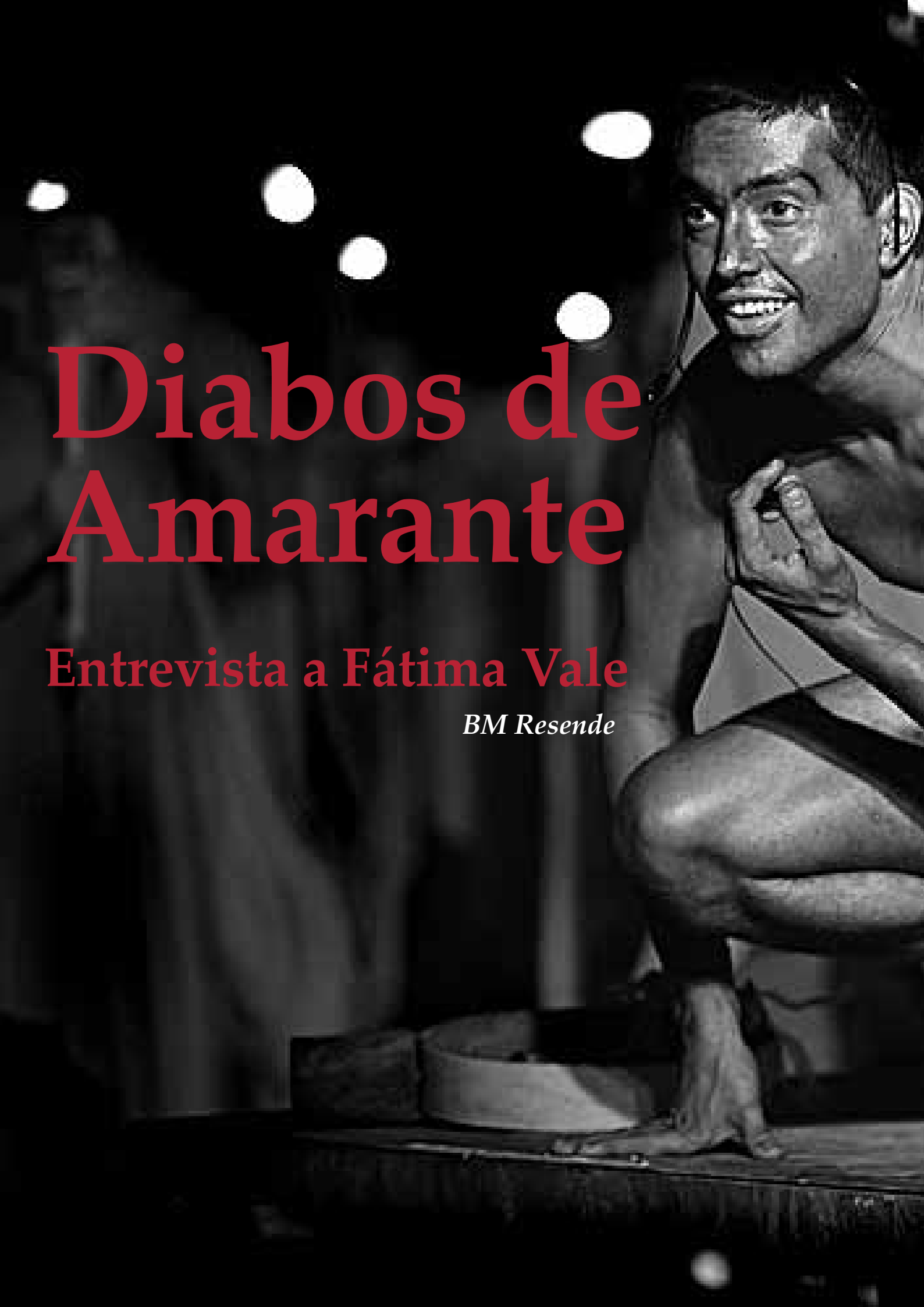
Uma homenagem que eu fiz ao Liceu Vieira Dias, lá de Angola. Nós éramos muito amigos, ele foi um grande doutor e poeta, e na morte dele fiz a Virgem Negra, esse quadro está em Angola. Conheci o pintor Malangatana, tanto aqui em Portugal como em Moçambique, mas há muito tempo que não o vejo. A cor dele Ele fez uma escola, com Inácio de Matosinhos e tudo isso, pôs aqueles pintores menores com a pintura Malangatana, não criando nada de novo mas continuando a repetir Malangatana.

### A arte é uma forma de expurgação?

É, de expurgar para fora, não penso no que vou pintar, deixo correr o braço e sai o que vou pintar, com excepção do quadro que fiz de Pazuzu, mas todos os outros é pintura livre. Acho que é bom a gente ter liberdade, sem ser presa por forma, por posição, por cor. No fim sai posição, sai cor, sai tudo isso, sai equilíbrio.

Algumas horas depois de termos chegado, deixamos a companhia de Ludvo. Apesar de óbvia debilidade física, o intelecto mantém-se intocável, e o prazer de ouvir estas histórias foi notório em todos os presentes. Deixou-nos muitas palavras interessantes, e a promessa de mais nos dizer através dos seus livros. Uma personagem importante na História do Satanismo em Portugal, que não deixaremos que seja esquecida. Certamente voltaremos para mais uma longa e agradável conversa. •





# Diabos de Amarante

Entrevista a Fátima Vale

*BM Resende*







*Duas estátuas sorridentes ejaculam a vida por entre frinchas museológicas. Amarantinas. Festejam-se em massa, com massas.*

Pelo revivalismo de fragmentos perdidos nos tempos. Umas poucas letras de Teixeira de Pascoaes. Punhados de patas diabólicas, com cascos, assentes à firmeza do chão, eclesiástico. Manchas humanas enveredam nos vermelhos demonológicos da cristandade, mas des cristianizam? Repicam sinos e ardem os xamanismos. Invocam-se tradições druidas, misturadas a entidades bramânicas, feitoras das obras, explosivas pelo corpo vivo da teatralidade da antiga Grécia. Invocam-se as diabolizadas, mas evangeliza-se? Chegam os cornos das satânicas estátuas como alicerces a um edifício desplaneado? Sujeito à estupidificação, ao resumo dramaturgico das maiores profundezas humanas através de um literal “blá-blá-blá”, sobejamente profanados? Depois de um púlpito de parvalheira folclórica ao correr de 2010 pelas mãos de um atelier, ainda se limpa? Questionamentos de Diabos de Amarante à voz de Fátima Vale.

#### Como nasce o evento dos Diabos de Amarante?

Encontrei-me com os Diabos no Museu Amadeo de Souza Cardoso em Amarante. Fitámo-nos durante longos minutos enquanto me levaram às origens mais ocultas da existência. Toquei-lhes e senti-me em casa, porque o desespero era uma forma de crítica e estava a precisar da tribo! Pediram-me que os levasse à rua, a festas de luz espontânea. Sorri imensamente ao dizer para quem estava ao lado que seria maravilhoso fazer uma grande festa ritual aos Diabos. Ocorreu-me que pudesse ser a grande porta para um projecto de arte social, constantemente adiado. Seria a porta de fogo para o regresso do teatro ritual e antropológico. Do lado raiou o espanto. Pedi que me falassem da origem daquela parelha. Pareciam-me africanos mas logo me corrigiram dizendo que seriam de origem Brâmane. Contaram-me uma pequena história sobre eles. Estava mais do que justificada a urgência em lhes fazer a festa! O teatro orgástico desagrilhoara-se na minha mente. Sem-

pre tive algum pavor à arte estática de museu. Se as obras não forem vividas, habitadas de alma pública através das outras expressões de arte. Continuadas. Ficaram-me com a ideia mais um punhado de conceitos. Sem nada esperar dei por mim em tempo limitado a “preparar” a “festa”.

#### O porquê da Queimada na encenação?

A Queimada é uma bebida de origem Celta. Na noite do *Samahain* apagavam-se todas as candeias e fogos das habitações e reunia-se o povo na praça em volta do caldeirão da abundância, onde se juntavam todas as bebidas alcoólicas misturadas com frutos doces, incendiava-se até se tornar licorosa para depois se beber. Depois de muito dançarem e invocarem os antepassados, adormeciam à volta da fogueira. Na manhã seguinte regressavam a casa levando uma brasa com que ateavam de novo as candeias e fogos, símbolo de ressurreição e de um novo ciclo de vida. Equivale a *yahuasca* e a todas as outras bebidas que iniciam rituais. Na travessia do tempo tem sofrido algumas adulterações sendo que a mais grave é a ausência de algumas ervas que a compunham. Erros graves e sucessivos são feitos na sua utilização. Ora uma bebida criada pelas mãos esguias e ternas de uma feiticeira, com o ímpeto de aquecer a alma e aliviar o corpo, elevar a consciência, é agora “esconjurada” publicamente. Em profusões de massa geridas pelo poder político. Uma vergonha. É das poucas receitas que deliciosamente guardam a feiticeira, o seu poder, a sua natureza pura e inviolável. É vil o manifesto a que chega a ignorância quando por descaramento proferem

*“Assim se criou a arena satânica com a presença satisfeita do santo cristão.”*

“o esconjuro” antes de a servir. Sinto o ultraje. E fazem disso uma *performance*. É deplorável. Inverso. Furto da vida interior. Esta epidemia propagou-se, engordurando de maldição e exorcismo um símbolo inteiro e casto. Era urgente colmatá-la vacinando de Jules Michelet a população inteira. Limpeza. Foi por ser a mais pura “Soma” que a introduzi na encenação desde a primeira edição. É a *ex-personae* de todas as que realmente o foram pelas garras inquisitoriais. A Queimada prometeica no centro indutor. Primeiro passo para o teatro antropológico ainda que circunscrito.

#### Como decorreu a tua direcção do terceiro evento?

Na terceira edição *D’os Diabos* convidaram-me pessoalmente para fazer a direcção, convite da autarquia de Amarante, entidade promotora do evento. Decorria o centenário do nascimento da Carmen Miranda e estava em residência artística no Marco de Canaveses. Analisada a circunstância, e para que o evento tivesse sequência, aceitei. Convidei o Rui Branco Silva e o Ricardo Molar para fazerem a direcção de produção. Tivemos 16 dias para criar o espectáculo. Tinha havido muitas dúvidas, impasses de gestão política e era ano de eleições.







Existiam algumas neuroses no ar. Decidiu-se que seria fundamental residir em Amarante e ficámos instalados num espaço apropriado, a Casa da Cultura e Juventude, minimalista, sã e confortável. Quanto à estrutura do espectáculo, existe um esqueleto fixo incontornável, a procissão que de forma metafórica reproduz o regresso histórico dos Diabos a Amarante. Esta tem sempre a banda filarmónica, os grupos de bombos e os carros de bois para levarem cada uma das criaturas num andor, tal como no dia 23 de Agosto em que o Diabo e a Diaba chegaram a Amarante vindos de Inglaterra. A procissão culmina no Largo de S. Gonçalo em frente à imponente igreja. Aí o espectáculo livre. Sempre me foi subtilmente imposto que o sacristão Manuel se vestisse de S. Gonçalo para dar permissão aos Diabos de poderem fazer a festa ali no “seu” Largo. A atitude da Igreja ali é generosa. Sempre se relacionaram com o teatro de forma aberta, e como o S. Gonçalo se faz representar pelo fálico doce do seu nome, aceitei, pois pareceu-me ser figura interessante. Assim se criou a arena satânica com a presença satisfeita do santo cristão. Foi da Igreja de S. Gonçalo que veio a alimentação eléctrica, alguns bancos e cadeirões para o cenário. Pedi-os porque têm as patas iguais às das esculturas demoníacas. Foram-me gentilmente cedidos. Na terceira edição depois de ter a produção a fluir e o cenário em construção começámos as oficinas. Com aqueles que viriam a ser “os filhos da terra” foram feitas sessões de psicodrama e de expressão dramática. Provaram uma adolescência próspera em talentos diversos. Uma juventude extremamente construtiva. Na última semana todos os figurantes inscritos tinham o guião e começaram os ensaios. O tempo foi maravilhoso em Agosto e a noite amarantina possui luzes e reflexos

mágicos naquele Largo megalítico de braços fluviais. Na manhã do dia 23 estava a equipa técnica a começar a montagem que havia de durar todo o dia. No início da noite estava tudo pronto. Aguardavam-se no Cine-Teatro Teixeira de Pascoaes os figurantes inscritos para a procissão. Surgiram em massa. Foram caracterizados e vestidos pela equipa que se desdobrou entre bases, túnicas cor de fogo e centenas de archotes. Foram mais de 250 diabos que inflamaram as artérias da urbe.

#### **E a tentativa de boicote?**

Pois. Quando a procissão dos Diabos chegou ao Largo os sinos repicaram fortemente tal como constava do alinhamento. Nesse momento em que os Diabos e figurantes iam para as marcações de cena alguém atirou cerca de uma dúzia de balões de água que por falta de pontaria não acertaram nas torres de projectores passando em tangente aos músicos, molhando-lhes apenas as roupas. Soube quem foi e não quis sequer dar-lhe protagonismo. Contudo continua a safra do boicote.

#### **Quais as reacções do público?**

O público amarantino é dos melhores que conheço. Neste caso, a receptividade e o despudor sempre me surpreenderam, o que me faz pensar como seria belo se os criadores de arte pudessem chegar aos públicos sem “exames prévios”.

#### **E a futurologia?**

Esta foi uma obra que começou sem alicerces. Foi lançada a ideia e aproveitada pela retaguarda. As intenções ultrapassaram o instinto artístico. Era seguramente mágico o conceito. A partir dali fundiam-se as raízes do teatro antropológico com as da arte social. O poder de alcance era superlativo e úni-



co. A singularidade universal do lugar onde se vê e a enteogenia pela Queimada, motor da verdade e da consciência. Agora talvez queiram que o entretenimento prevaleça, não sei. Continuo-me. Se os projectos me forem negados pelos poderes locais arranjaré sempre forma de desaguar, transmuto-me.

#### **Estão nos teus planos diabos para o ano?**

Ainda este ano enviarei uma proposta multidisciplinar para 2011.

#### **Como vês no imediato as artes vivas e dinâmicas e os seus contrários?**

É urgente abolir os pacotes culturais, os supermercados institucionais, o poder e a censura democrática. Está mais do que provado de que a arte gera economias e prevalece. Acredito na arte social como salvação da sociedade portuguesa actual, até porque é a forma mais economicista de produzir, dado que interage com toda a comunidade. Tudo deveria girar à volta da arte, como se de um sol se tratasse. •

  
*“Sorri imensamente  
ao dizer para quem  
estava ao lado que  
seria maravilhoso  
fazer uma grande  
festa ritual  
aos Diabos”*  


# Heranças de Útil Peso

*Mosath*







## ***Na Idade Média – e não só – muitas tradições foram criadas. Práticas, nomes, vozes, dogmas.***

Um dos habitantes desse tempo não era conhecido pelo seu actual nome. O habitante era o guerreiro Satanismo.

O Satanismo está invariavelmente ligado às raízes das pessoas, não obstante às suas tradições de sempre. A operação desta relação dá à luz aquilo que se tem como uma herança.

Este artigo reconhece-se na vontade de passar uma mensagem mais pessoal do que académica ou filosófica. Os padrões aqui atirados têm tudo que ver com experiência prática e de terreno e não jogos de dados.

Uma herança comporta uma orientação especial ante valores e objectos, números, situações e partículas próprios de um legado. Se as há que aparecem aos nossos pés sem acção ou disposição explícita, há igualmente as que se obtêm por paciência, acção, atributos e uma paridade patriótica. O mais importante aqui é sublinhar ou somente dizer que um rol de preceitos e tradições produzem uma herança.

Tropeça-se ainda em algumas confusões e males entendidos sobre o nascimento do Satanismo. Ignoram muitas pessoas o facto do mesmo ser intrínseco ao Homem, desde os primeiros passos deste, visto que, por outro lado, radicalizam a visão em LaVey como o inventor do Satanismo. LaVey sabia muito bem que o Satanismo é milenar, faz parte da poeira do planeta...

Por conseguinte, o Satanismo não se enclausura ou afasta de verdadeiras importâncias para a sua adaptação aos tempos e à sua continuidade. E essas importâncias são as suas raízes e particularidades de nascença. Pode escavar-se por onde se quiser, mas não serão afastadas as verdades que o Satanismo incorpora tradições mundiais que todos conhecem ou sobre as quais podem estudar, que muitas existem muito devido à sua força e que o próprio Satanismo toca directa ou indirectamente cada uma das pessoas nessas tradições.

Cada pessoa tem o seu meio de acção, o seu local de origem, a sua

zona de infância. Aquilo que fizemos e aprendemos aí exponencia os desenrolares pela vida fora, por isso é que educações, teorias e práticas coerentes e espírito crítico são fundamentais. Enquanto crianças, uma história lida é um abrir de olhos gigante para novos mundos e tudo parece possível, ao passo que uma história que nos é contada suplanta tal exacerbação, conduzindo-nos a um total júbilo e sensações que despertam os instintos, seduzidos pela voz que conta a história. Operações matemáticas onde o resultado é a vontade própria. Na infância aprendemos a dar valor aos antepassados, às experiências dos antigos e às histórias inerentes aos feitos celebrados e lembrados. A História dá como nome a isto, ou resumo, de conto popular. Um conto popular é caracterizado como sendo uma narrativa breve, com um número reduzido de personagens, conservada pela arte da memória e viva na tradição oral e é bastante importante para as pessoas mais chegadas às personagens ou aos elementos principais do mesmo. Quanto maior a proximidade e a semelhança, maior o significado e a potência. E é aqui precisamente que entra um dos primeiros aspectos dos anais do Satanismo: a passagem da palavra ou tradição oral.

Temos que compreender que nos tempos, por exemplo, da Idade Média a comunicação entre as populações era francamente limitada às conversas em conjunto, sem demasiadas conspirações dentro dos espaços familiares, mas realizada num odor mais honesto e íntimo. Quando as pessoas falavam, davam muito mais de si, revelavam muito mais a verdade e a pureza, em detrimento da mentira e da farsa, vis-

to que como as conversas eram tidas olhos nos olhos e as quais levavam os interessados à procura dos seus interlocutores, na presença da dedicação e cansaços físicos, a colheita de frutos desagradáveis e da humilhação pública era bastante provável. A franqueza era uma constante, porque o acto de conversar era visto como uma reunião de pensamentos e verdades muito virtuoso. Cada pessoa que procurava uma outra para conversar, dava muito de si nesse acto, sem máscaras ou grandes fingimentos, já que toda esta questão exigia trabalho e se o mesmo caísse em propósito vazio ou oco, de que poderia valer?

Passar a palavra, num sentido grandioso de reunir indivíduos de semelhantes capacidades em prol de um objectivo e um engrandecimento. O conto popular diz importância ao Satanismo, porque o Satanismo é fibra dos povos bravos e corajosos, que se adaptam, conquistam e se auxiliam. Prosseguindo nesta direcção, um conto popular que venha a demonstrar um feito de grandiosidade, de conquista, de magnificência por um ou vários indivíduos, portando motivação ou inspiração para os ouvintes possui marcadamente um cariz satânico.

Maioritariamente, os contos populares com incidência em personagens adversárias da religião e dos valores tidos como puritanos e bíblicos, contêm histórias em que as mesmas personagens são derrotadas com veemência. No entanto, fica aqui de seguida um conto algo interessante, em que nem tudo se perde, que assenta em bases que podem dizer bastante à tradição satânica.







Conta-se que, noutros tempos, uma menina ficou órfã de pai e mãe muito cedo, tendo sido acolhida por uma vizinha, que a tratava mal. Obrigava-a a trabalhar noite e dia, impondo-lhe tarefas acima das suas forças e, sempre que a menina fraquejava, ela ralhava e no fim gritava:

- Vai para o Inferno!

Tanto disse aquilo à menina que, um dia, ela resolveu fazer-lhe a vontade. Saiu de casa e seguiu pelo caminho. Os que a encontravam perguntavam-lhe:

- Para onde vais, menina?

- Vou para o Inferno! Sabe dizer-me onde é?

- Credo! Eu não!

Depois de percorrido muito caminho, longe da sua terra, encontrou um velhinho, muito estranho, com ar de eremita ou de mendigo, que também lhe perguntou:

- Para onde vais, menina?

- Vou para o Inferno! Sabe dizer-me onde é?

- Claro que sei – respondeu o velhinho, prontamente. – Vais sempre por este caminho até encontrares um palácio com muitas janelas, mas todas encerradas. O dono é o demónio.

- Será que ele me dá trabalho? – Perguntou a pequena.

- Certamente que sim. Mas lembra-te que, entrando ali, não voltarás a sair, a menos que consigas apanhar um lençinho vermelho que ele usa no casaco. Se o conseguires, ficas com grande poder. Com ele na mão, podes fugir e podes pedir tudo o que quiseres.

A menina lá foi. Bateu à porta do palácio e quem lhe abriu foi um homem vestido de negro, que usava o tal lençinho vermelho.

- Venho à procura do Inferno. É aqui? – Perguntou.

- É. Podes entrar.

A menina entrou e, de repente, tudo se fechou. Pôs-se de imediato a trabalhar. Acendia o lume e cozinhava em enormes potes, não só para o diabo, mas também para uma legião de demónios que apareciam das profundezas do palácio. O pior é que apareciam, sujavam tudo e a seguir desapareciam. A menina limpava...

Acontece que, numa ocasião em que o diabo estava num sono de chumbo no colo da menina, ela retirou do casaco o tal lenço vermelho. A seguir desatou o avental com mil cautelas e pousou a cabeça do demo na almofada do assento. Bastou dizer-lhe:

- Lencinho mágico, com o teu condão vem valer-me nesta aflição!

De imediato, abriu-se a porta do

palácio e a menina... ala que se faz tarde! Andou, andou, andou, até que, já cansada e desorientada, voltou a socorrer-se do lencinho mágico:

- Lencinho mágico, com o teu condão vem valer-me nesta aflição!

Ganhou então novas forças para continuar a andar e ali a nada foi ter a novo palácio. Era o palácio real. Bateu à porta e abriu-lha uma mulher mal encarada. Era a governanta do palácio.

- Que queres daqui?

- Trabalho. Preciso de ganhar a vida.

- Então entra. Trabalho é o que aqui não falta.

Deu-lhe logo para as mãos um grande balde e uma esfregona.

- Podes começar.

E lá voltou a menina para a sua dura rotina. Fazia o trabalho todo: lavava, esfregava, cortava lenha, arrastava os potes, cozinhava. No palácio havia mais duas serviçais, para além da governanta, mas sobre ela é que tudo caía. E como era bonita e desembaraçada, sobre ela caía também a inveja das demais. Chegava ao fim do dia tão gasta e desarranjada como as esfregonas que usava.

As outras, claro, acomodadas e divertidas. Até que a menina se lembrou do lencinho mágico. E quando se viu incapaz de dar resposta a tanto trabalho, de novo voltou a dizer:

- Lencinho mágico, com o teu condão vem valer-me nesta aflição!

Num abrir e fechar de olhos, o trabalho estava rematado. E daí em diante era sempre assim. Por isso, após o trabalho feito, a menina aparecia mais bonita e arranjada que nunca, ao ponto da governanta e as outras, incomodadas com tanta eficiência, trataram de arranjar todo o género de intrigas para a prejudicarem. Diziam que era preguiçosa, desarrumada, incompetente. Que descuidava as obrigações para cuidar da vaidade.

A alturas tantas, foram as três apresentar queixa ao rei. A ideia era conseguirem que fosse expulsa do palácio. O rei mandou-as chamar e, diante de todas, disse a uma das serviçais:

- Ora diz lá então o que tens contra a nova criada.

Nesse momento, a menina apertou na mão o lencinho mágico e, baixinho, pediu:

Lencinho mágico, com o teu condão vem valer-me nesta aflição!

Como resultado, a criada intriguista começou a miar diante do rei. O rei,

espantado com tal resposta, mandou-a calar. Julgava que estava doida. E pediu à outra:

- Diz lá tu o que tens a dizer sobre a nova criada.

E a outra respondeu-lhe... era um cão autêntico a ladrar. O rei, que já estava a ir aos arames com as criadas, vociferou:

- Mas, afinal, que raio vem a ser isto? Estais todas malucas?

E dirigindo-se então à governanta:



- Diz lá tu o que se passa, mulher! Mais di-lo como deve ser!

Só que a governanta ainda fez pior. Pôs-se a zurrar!

O rei, julgando que estavam a fazer pouco dele, pegou num varapau que tinha ali mesmo, à mão de semear, e... toma!, toma!, toma!, correu com elas.

E, para melhor castigo, despediu-as e nomeou a menina governanta do palácio.

Como se repara, este conto de tradição oral é um óptimo exemplo de engrandecimento. Escrito de forma simples e com um ritmo directo, este conto acende em que o lê ou ouve o instinto da vitória sobre as contrariedades, assim como o deslumbramento de criança. Enquanto crianças, somos donos da nossa própria imaginação, poderosos guerreiros da simplicidade, da desinibição total e da magia vitoriosa. É natural que uma criança veja neste conto a falsas moralidades que se lhe impõe pela sociedade relativamente à figura negra e malévola do diabo e da necessidade de cultuar vida fora uma humildade que, a meu ver, é doentia a par das sensações salazaristas no nosso povo, nos dias de hoje. Porém, sem essas falsas moralidades impostas, uma criança agarra-se à magia deste conto, à ideia de que os adversários dos auto-intitulados religiosos e misericordiosos encerram em si próprios pertences vantajosos, à destreza e força da menina, jubilando-se com o facto de no fim vencer os inimigos, assim

  
***“O mais importante aqui é sublinhar ou somente dizer que um rol de preceitos e tradições produzem uma herança.”***  




## *“O conto popular diz importância ao Satanismo, porque o Satanismo é fibra dos povos bravos e corajosos, que se adaptam, conquistam e se auxiliam.”*

como à ideia de também elas terem um lencinho vermelho para descobrir nas suas vidas, um lencinho do qual se recorram para vingar as suas energias e disputas, um lencinho para chegar mais à frente, onde lhes disserem que não deviam chegar, para romperem com as correntes da submissão e compulsão, recusando novos horizontes e fronteiras sem limites. E esse lencinho vermelho cada criança tem dentro de si desde o nascimento. É o lencinho do Satanismo, o âmago da conquista pessoal, e esta é uma das forças de uma herança: a de conseguir colocar as crianças a imaginar, a rir e a apelar ao espírito aventureiro e conquistador.

Este conto de tradição oral antecede o ponto dois deste meu artigo, que visará a obra tradicionalista do pensamento crítico, teatral e de diversão satânica do português Gil Vicente, e antes de iniciar tal ponto, pretendo rematar que me revejo na importância das heranças populares para a firmeza de um povo, do seu imaginário e progresso, abrindo caminho de homenagem aos chamados narradores da memória, sem os quais contos como o que transcrevi acima não nos chegariam aos sentidos. Esses narradores da memória são antepassados nossos com as suas existências diversas e possivelmente disformes das nossas, mas numa coisa nos comparamos: eles lançaram e foram segurando as cordas da nossa identidade e nós recebemos e agarramos hoje nessas mesmas cordas, as cordas são as heranças naturais, sem testamentos com lágrimas, antes heranças que nos dizem quais as hipóteses do jogo.

Assim, os contos populares, as lendas e os mitos fazem parte da memória cultural de um povo. A cada geração cabe a responsabilidade de passar à

seguite o seu testemunho, garantindo que o fio condutor da memória não seja quebrado. E isto é bem essencial!

Subo então, sem demoras, para o segundo *round* neste artigo, início a declaração da minha própria visão: Gil Vicente é um dos meus espelhos mundanos em que aprecio o poder da sátira como tradição e herança satânicas.

Esta declaração é munida da natural lucidez de que, nesses devidos tempos e espaços, os desempenhos de Gil Vicente não eram chamados por tais títulos, ou seja, como tradição e herança satânicas, ou sequer por desempenhos satânicos, mas por isso mesmo é que se tornaram em herança para os dias de hoje. Descobriam-se-lhes os verdadeiros títulos. Isto, a meu ver, obviamente.

Não pretendo avaliar minuciosamente a obra vicentina, mas colocar a céu aberto aquilo que considero interessante para a leitura de casos populares para a dimensão que o Satanismo foi herdando e da qual existe.

Gil Vicente nascera na segunda metade do século XV, morrendo já por volta dos 40 anos iniciais do século XVI. Um dos mais importantes indivíduos para a criação e materialização do espírito crítico, da sátira social, nessa subversão na qualidade de adversário às normas e portanto um pensamento satânico.

Gil Vicente é considerado o primeiro grande dramaturgo português, bem como o pai do teatro nacional, notável poeta, entre outras faculdades performativas. Não existirão muitas dúvidas sobre isto, portanto mais do que dúvidas queremos revelações e uma bastante corriqueira é a de que Gil Vicente, profissionalmente, era um organizador de espectáculos palacianos e acontecimentos familiares relevantes, exemplificando através de casamentos e nascimentos na corte. Logicamente sendo isto um caso de uma vida extraordinariamente agradável, Gil Vicente sabia muito bem tirar o melhor proveito, portanto em cada um dos tais espectáculos aproveitava para retratar com pompa e circunstância a sociedade portuguesa. Quando Gil Vicente o fazia, dava-se o processo de destilar o melhor da inspiração religiosa, agarrando na excelência de observação e reacção de decompostura. Estas influências da época de transição entre o Medievalismo e o Renascimento no corpo crítico de Gil Vicente marcaram com originalidade a sua obra através dos objectos artísticos que conhecemos

como Autos.

Os Autos são entendidos como todas as obras de grande carácter dramático em evidência, juntando à importância desta referência a verdade de que, alternando em obras de maior e menor sentido dramático, lamento que três Autos vicentinos tenham sido condenados pela Inquisição, perdendo-se, os quais eram Jubileu de Amor, Aderência do Paço e Vida do Paço, e na questão da lista extensa de Autos de Gil Vicente se encontrará a atribuição de títulos que foram alterados ao longo de tempos, resultado dos elementos em vigor e/ou interesses de época.

O Auto da Barca do Inferno, aquele em que quero incidir frontalmente aqui, é conhecido por se dominar numa situação não tão linear. No que diz respeito à edição contemporânea da peça representada, o título que apresenta é Auto das Barcas, a fim de desviar as mentes do cenário mais focado na obra que é o Inferno, Inferno aqui em imaginário, terreno físico e conceito émulo. Tal impropriedade veio a juntar duas partes à representação, as quais consagram o Purgatório e o Paraíso, por isso esta peça hoje em dia está moldada às moralidades, devido a este uso adicional que envolve mais do que uma única embarcação de quando em quando nas cenas, jogando muito mais assim com os factores dos opostos, das discussões e do juízo geral.

Anteriormente referi que três Autos se perderam por causa da censura inquisitorial e é precisamente acerca desse pormenor que atrevo a minha pessoa a escrever agora. A Inquisição encaixou-se em Portugal em 1536, não tardando a focar-se no nosso Gil Vicente. Trata-se do asinino Index de 3 de Julho de 1551, publicado pelo Cardeal-Infante D. Henrique, o responsável pela proibição das três peças vicentinas referidas acima, os Autos do Jubileu de Amor, da Aderência do Paço e da Vida do Paço. Estas obras, publicadas na altura em folhas volantes, foram suprimidas exaustivamente, de modo que nenhum exemplar sobreviveu até aos nossos dias, logo foram alvo de um grande esforço do Index, uma trabalhadeira impensável. Contudo, em anos posteriores, deu-se um aligeiramento das normas promulgadas em 1551, em que a Inquisição admitia edições de luxo impressas destinadas a públicos restritos, como a excepção à regra de ser implacável para os folhetos populares e de maior raio de alcance. Este facto demonstra a razão pela



qual o Índice de 1564 não menciona Gil Vicente num indulgência de não se repetir o seu nome, visto que além das três peças censuradas e abortadas não haviam outras em igual situação, somente Autos com alterações forçadas mas em plena circulação popular. Embora indulgente uma vez, a Inquisição em 1581, no seu Índice, tornou-se austera para Gil Vicente, mutilando-lhe gravemente as suas obras e liberdades até então editadas.

Voltando à Barca do Inferno, o texto autêntico desta obra, que foi sem dúvida representada em 1517, a cena caracteriza a margem de um rio, qual rio não deste mundo, com duas barcas que não tardarão em partir. Uma das barcas é conduzida por um Anjo que a leva ao Paraíso; como se saberá, enquanto que a outra barca é conduzida por um Diabo que a leva já se saberá também onde. Para preencher a cena, aproximando-se em ciclos das margens do rio mais personagens, as quais são os recém-falecidos. Destacam-se das personagens um Fidalgo acompanhado pelo seu Moço que traz uma cadeira, um Usuário com uma grande bolsa, um Parvo com a sua parvoíce, um Sapateiro carregados de formas, um Frade armado com uma espada e acompanhado por uma rapariga pela mão, uma Alcoviteira transportando “seiscentos virgos postiços/e três arcas de feitiços”, um Judeu de bode às costas e um homem morto por enforcamento com o seu troféu fatal, a corda, ainda ao pescoço. Todas as personagens entrarão na barca para o Inferno, exceptuando o Parvo. A sua parvoíce aguardará no Purgatório pela chamada para o seu destino final.

Cada personagem tem uma história muito particular, um forte carisma e as suas próprias certezas quanto ao destino em que merece embarcar. O nível satíro e humorístico é de grande qualidade, a linguagem é uma pérola e pode verificar-se que, a não ser o Parvo, todas as personagens são pecadoras, naturais, célebres nas suas vidas terrenas em ambições, prazeres e resultados. Aqui, não chamo à atenção de uma falsa moralidade dos parvos de espírito como o Parvo serem merecedores de um descanso branco e celestial, porque tal cenário é adverso à natureza do Homem são, denso que se engana e também perde, bem como contra-cultural, mas antes à caricatura de personagens terrenas parecidas com elementos populares e que, graças às suas falhas e também objectivos faustosos, nos transmitem aquilo que é naturalmente uma vida satânica: individualismos, vaidades, prazeres,



pecados, carisma, transgressões, responsabilidade, introspecção, festividades burlescas e afins. Embora chame a atenção a isto, não o faço em absolutismos destes pormenores das personagens. Isto é teatro, escrita, sátira e dimensão popular, não esquecer, logo tem que se relativizar até mesmo esta chamada de atenção a pormenores que importam sublinhar como vantagens e questões mundanas que interessam a todos.

Nesta peça de Gil Vicente não existe aquilo que chamamos usualmente de enredo, sendo que nada é mais típico da arte vicentina do que esta condição. Aquilo que nesta peça existe é um suceder de simétricas cenas. A estrutura típica de Gil Vicente nesta sua peça poderia constituir, numa opinião predefinida, num paladar de repetição ou monotonia, mas tal não constitui. E este é um aspecto muito importante, a dinâmica presente, inclusive nas coisas menos óbvias. Este é um aspecto satânico. Gil Vicente consegue a dinâmica pela diversidade das suas personagens, pelo seu cunho imaginativo, pela interferência gradual na conversa por parte de condenados já embarcados e pelo, desta vez chamo aqui a atenção de forma positiva, papel do Parvo.

A Barca do Inferno é uma peça excepcionalmente rica, gesticulando-se por múltiplos planos e várias dimensões, a qual evoca determinados modelos sociais do Portugal quinhentista através da sua sátira a grandes e poderosos, tal como a modestos e acomodados. O resultado só pode ser uma obra-prima incontestável de um génio

português da observação, das palavras, da crítica e da zombaria. E isto só pode ser heranças para o Satanismo.

Recoo neste momento até ao detalhe da repetição ou da ausência da mesma. É verdade que a Idade Média é o tempo da glosa, porque se diz e volta a dizer-se mesmíssimas ideias em mil moldes, de mil maneiras e em mil posições, esgatanhando-as e levando-as à perpetuidade. A repetição praticada por Gil Vicente, a existir, era sobretudo numa tendência imposta pelo estilo da sua época ao invés de um porte da ideologia do dramaturgo. O espírito medieval agarrava-se mais ao geral do que ao particular, logo a diversidade dos seres estreitava-se a uns poucos tipos definitivos e intangíveis, também numa intenção de discussão mais descarada. A tinta de Gil Vicente obedecia a espécimes e não a heróis, já que lhe interessava nomeadamente o pitoresco. O que interessa é o que há de geral nos tipos, não o particular, e a isto se junta a construção de muitos Autos em sequências de cenas paralelas e não organizadas no núcleo de si, resultando numa outra maneira de repetição desta época. Todavia, simultaneamente, Gil Vicente inovava ao introduzir nesses tais tipos gerais pormenores individuais. Deste modo, há cenas que se unem em analogias ou que se diferenciam pelas suas oposições no cerne do Auto. O que daqui se obtém são lufadas de ar fresco, surpresas e assimetrias, evidenciando o princípio em Gil Vicente da repetição incansavelmente contrapessada pela inovação. E deste modo se faz



***“Gil Vicente, sem receios, na sua natureza de espírito e profissão é dono de um aspecto que provoca aquele brilhinho nos olhos do Satanismo: ser visto como um opositor, o adversário.”***



uma personagem vicentina repleta de arteirices disfarçadas sob semblante devoto e lambido, como a Alcoviteira.

Gil Vicente com as suas sátiras contra os abusos da Igreja foi, brandamente, vituperado à heterodoxia, devido ao seu ser sátiro, opositor, alegre, artista e de ideias modernas. Portanto, foi natural ter surgido essa acusação ao seu nome. Realço aqui a conduta da Igreja mais usual e frenética, a de acusar de heresia todo aquele que se lhe opõe. Graça esta, a sua, também o que seria da Igreja se não agisse de tal modo?

Gil Vicente, sem receios, na sua natureza de espírito e profissão é dono de um aspecto que provoca aquele brilhinho nos olhos do Satanismo: ser visto como um opositor, o adversário. Esta fama, interpretem no sentido inteligente da palavra, é um lavar de pratos satânico.

Tocando no ponto daqueles que sofrem com a veia satírica de Gil Vicente, informo que são tão numerosas e tão variadas que constituem num exercício de tamanha imaginação e sem possibilidade de descriminação pela minha parte, aqui. Inicialmente -

como nota de curiosidade - Gil Vicente ridicularizou os defeitos de um grande número de personagens individuais, devido a estas surras no próximo serem muito apreciadas na côrte, era um estonteante entretenimento de fio a pavio, um caviar dos sentidos jocosos na côrte.

A cultura popular contrapositiona todas as ideias feitas por intermédio das gargalhadas, bem como a integridade dos valores e das autoridades honradas, logo é um espelho fiel da mente de Gil Vicente com os vidros do burlesco e da paródia. Contudo, esta subversão e contra-cultura presentes na obra vicentina contribuem e agem num movimento pujante de realismo e uma alegre confiança na vida, movimento esse presente na individualidade de um Satanista. Assim é igualmente pensada e projectada a inevitável renovação das coisas.

Gil Vicente foi mais um dos muitos génios mundiais a, nos seus tempos, se inspirar igualmente na tradição popular. Munindo-se da forte tradição popular portuguesa transmitida por intermédio do folclore e da literatura oral, Gil Vicente chegou mais longe

no seu tabuleiro criativo. O motivo desta fonte de inspiração coexistir na obra vicentina é o de que a tradição popular é um veículo de um enésimo de contos e narrativas orais, que sobrevivem a séculos e séculos num molde mormente subterrâneo e circunspecto, passando de boca em boca as suas importantes graças.

Dou-me agora ao luxo de encerrar o presente artigo. Encontra-se aqui uma visão pessoal sobre as matérias abordadas, portanto até o final é de semelhante natureza. Quando se existe em conformidade com aquilo que se é, as coisas acontecem com toda a fluidez evolutiva, logo o que passa a ser mais importante no mundo é a parte com a qual ganhamos e tocamos no mesmo, a mão. Se o que escrevo for realidade obtida para vós, então significa que o olhar banal se avalia como um lento passageiro na acção. Porque a mão é que faz, o olhar senta-se apenas, a mão é mais rápida do que o olho.

Actualmente, somos contribuidores medalhados pelas heranças e posso afirmar então que a tradição oral veio cá para ser mais rápida do que a mão. •







# Scriptas Manu Diaboli

*José Macedo Silva*

***Muito se tem falado sobre a influência de “particularidades satanistas” e/ou anticlericais na literatura universal.***

Basta para isso analisarmos/vermos/revisitarmos os anais literários que nos iluminam a consciência nesta questão. Temos variadíssimos exemplos, tais como, os dois - que aprecio com alguma reverência - e que abaixo “exumo”, e muito embora não me esqueça, claro está, que existem tantos outros - perdoem-me o facto.

Charles Baudelaire, considerado por muitos críticos como o principal fundador da poesia moderna, em que para mim a sua “obra prima” *As Flores do Mal*, censurada e publicada a 25 de Junho de 1857, reúne de modo exemplar o sentimento deste “poeta maldito”: a queda, a expulsão do paraíso, o amor, o erotismo, a decadência, a morte, o tem-

po, o exílio e o tédio. O próprio numa carta pessoal escreveu: “Neste livro atroz, pus todo o meu pensamento, todo o meu coração, toda a minha religião (travestida), todo o meu ódio”.

Continuando na senda do conteúdo destas linhas, damos um novo “saltinho” até à França, e nem precisámos de uma máquina do tempo que nos transporte milhares de anos atrás tal como acontece nas séries televisivas de ficção científica. Basta-nos recuar dois séculos e meio e encontrámos nascido em 2 de Junho de 1740, em Paris, *Donatien Alphonse François de Sade*, mais conhecido no meio académico como simplesmente *Marquês de Sade*.

Influenciado pelo materialismo do

Século das Luzes e dos enciclopedistas (*Diderot e D’Alembert*), criou ideias originais, o que no campo filosófico pode-se explicar usando as palavras de *Daniel Serravalle de Sá - O Marquês de Sade e o Romance Filosófico do Século XVIII*: “o romance de Sade oferece um sistema de pensamento que desafia a concepção do mundo proposta pelos dois principais campos filosóficos no contexto da França pré-republicana: o religioso e o racionalista”.

Sade, um dos principais autores libertinos, adepto do ateísmo e do crime (crime no sentido de enfrentar a religião, o que à época era assim considerado), usava-se de uma moralidade contrária aos “bons costumes” lançando as primeiras bases para aquilo a que hoje se chama “sadismo”. Brilhante a forma como o trabalhou na sua obra *Os Cento e Vinte Dias de Sodoma*, em que um grupo de nobres, num castelo de luxo, abusam de “jovens” em actos da maior iniquidade humana: violência, mutilações, assassinios e coprofagia (ingestão de fezes) como celebração hedonista em



práticas de dominação sexual, retratadas em múltiplos capítulos da obra.

Desenvolveu duas personagens distintas em natureza, mas com sentidos e significados de vida idênticos, ensaiando nelas a prova de que o “mal” vence sempre, ou pelo menos quase: Justine, a ingénua defensora do bem, que termina sempre envolvida em crimes e depravações, sendo no epílogo da sua vida fulminada por um raio que a rompe da boca ao ânus quando ia à missa. Juliette, a sua irmã, encarna o triunfo do mal, fazendo uma sucessão de iniquidades, como por exemplo: matar uma das suas melhores amigas lançando-a na cratera de um vulcão ou, obrigar o próprio papa a fazer um discurso em defesa do crime para poder tê-la na sua cama.

*Sade*, seguiu uma vida em total libertinagem e em aversão aos dogmas religiosos e costumes da época. Além de patrono do surrealismo, e um dos percussores da revolução sexual, foi um dos primeiros a ter uma visão moderna da homossexualidade.

Como acima foi já dito, a esta linha de pensamento anticlerical poderíamos juntar entre outros: Friedrich Nietzsche, Aldous Huxley, Émile Zola, etcetera. A “atitude indisputada” em exumar estes foi como já referi por serem os meus “reverendos” nesta linha de pensamento.

Pergunta-se agora, que interesse tiveram na gestação da literatura anticlerical, e por vezes de contornos satanistas portuguesa?! Toda!!! Como país periférico do velho continente fomos e continuaremos, para mal dos nossos pecados - a ser um dos últimos vagões do comboio europeu, e como em tudo na vida deste país, salvo raríssimas excepções, como por exemplo, o facto de termos sido pioneiros nos séculos XV e XVI na arte de navegar por mares desconhecidos, como já o dizia o grande poeta Luís de Camões no primeiro poema do Canto I da sua obra magistral *Os Lusíadas*:



***Sade, seguiu uma vida em total libertinagem e em aversão aos dogmas religiosos e costumes da época.***



“As armas e os barões assinalados, Que da ocidental praia Lusitana, Por mares nunca de antes navegados, Passaram ainda além da Taprobana, Em perigos e guerras esforçados, Mais do que prometia a força humana, E entre gente remota edificaram Novo Reino, que tanto sublimaram”...

Continuaremos, então, na senda do “copiar/adoptar” tradições, estilos e costumes da Europa Central. Mas, já que a isso estamos “condenados”, há que pelo menos fazê-lo bem, e nesse aspecto temos alguns dos maiores valores da literatura europeia.

Para se compreender melhor como nasceram esses eruditos nacionais, insatisfeitos com a situação do país, recorde-se o estado do nosso rectângulo à época de que vos vou falar (finais do século XIX).

Encontrávamo-nos atrasados em toda a conjuntura social, muito nosso, basta vermos como nos encontrámos actualmente - desde a economia, a política, o ensino, a cultura, etcetera. No que, em resposta, um grupo de jovens intelectuais descontentes - conhecidos como a *Geração de 70* do século XIX, que, primeiro em Coimbra e depois em Lisboa, manifestaram-se contra o *status quo* nacional. Este grupo fez-se notar decorria o ano de 1865, tendo como figura de proa Antero de Quental, entre outros a mencionar: Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Jaime Batalha Reis e Guilherme de Azevedo, marcaram a cultura portuguesa até ao culminar do século, e inclusive até à implantação da República, na literatura, na historiografia, na política, entre ou-

tros fenómenos sociais.

Estes homens, usufruíram da possibilidade de manterem um contacto estreito com a cultura mais avançada da Europa, estudando e apercebendo-se das diferenças nos mais variados campos de conhecimento humano entre Portugal e as superpotências europeias (Alemanha, França e Inglaterra). Assim, estes “apaixonados” do livre arbítrio, não se reviam obviamente nos formalismos estéticos e muito menos na estagnação cultural, económica, institucional e social do país.

Inconformados, manifestaram-se publicamente por diversas ocasiões. Uma delas ficou conhecida como a *Questão Coimbrã*, que opôs o “nosso” grupo de jovens pensadores ao ultraromantismo instalado que António Feliciano de Castilho (escritor romântico português) personificava. Daí, travou-se uma imensa polémica, uma vez que as diferenças estéticas e ideológicas eram tremendas. Após o que o grupo de intelectuais se reuniu novamente em Lisboa, formando o *Cenáculo*, e em 1871 organizaram as *Conferências Democráticas do Casino Lisbonense* (também conhecidas por *Conferências do Casino*) tomando finalmente a atenção da sociedade.

Mas, *omnia propositum vitae* (tudo na vida tem um fim), e muito embora a actividade crítico-literária, as intervenções culturais e políticas mantiveram-se, cada membro foi definindo diferentes caminhos do próprio destino.

A figura de Antero de Quental, o mais “nomeado” de todos os membros, assinou o epílogo da sua vida a linhas de suicídio, simbolizando, se o quisermos, o destino destes mestres do pensamento português, numa tórrida de-





silusão do país que infelizmente ainda hoje, passados mais de cem anos, se faz sentir.

Entrando agora numa análise mais aprofundada à natureza deste artigo (sentimentos anticlericais/satanistas na literatura portuguesa), não se escreverá sobre todos eles (eruditos), uma vez que este texto é um artigo e não um ensaio, não havendo tempo para tal, mas, os quatros autores abaixo mencionados estão em concordância com outros adeptos destas escritas impróprias para consumo cristão. Facilmente se identifica nas suas letras, uns mais que outros, é claro, um ódio à instituição religiosa dominante no panorama nacional, e às suas referências dogmáticas, e que, estas “escritas” são suficientemente fétidas e densas de um gelo erudito sujo, não tendo sido estas blasfémias vozes de burro nenhuma, e consequentemente o céu ficou com as orelhas a arder um bocado.

Podemos então começar pela figura máxima da *Geração de 70* (Antero de Quental), uma das quatro curiosas “personagens” a seguir analisadas.

Antero Tarquínio de Quental, nasceu em Ponta Delgada, a 18 de Abril de 1842. Além de muito importante “actor” na já supra citada Geração de 70, foi escritor e poeta. Dedicou-se para além da poesia, à filosofia e à política, tendo estudado Direito na Universidade de Coimbra. De todas as suas dezoito grandes obras, há que referir-se como a mais magnânime de entre todas *Sonetos Completos*, publicada em 1886 (prefaciada pelo seu amigo Oliveira Martins) que elevaram o poeta dos Açores ao “Olimpo” da poesia portuguesa, à época ocupado por Bocage e Camões. Os seus Sonetos foram considerados por muitos críticos com a mesma capacidade meritória da poesia dos outros dois, dotados de um inegável sabor clássico, de adjetivação e musicalidade equilibradas.

A sua poesia pode dividir-se em três fases distintas, ou se quisermos, três estádios de “alma”:

Experiências juvenis, que são uma amálgama de tendências;

A época da militância, empenhado em agir, de forma a que o “grito do ipiranga” fosse um brado seu - período revolucionário;

A fase metafísica, voltada para a expressão da angustia de quem busca um sentido para a existência.

A sua vida literária foi passada entre a sua terra natal (Ponta Delgada), Porto, Vila do Conde, Paris e Lisboa. Parece ter sido a sua etapa amadurecida,



uma deambulação entre uma “poesia de combate” dedicada à acção e capacidade humanas, e uma poesia intimista virada para a subjectividade, ou seja, mais individualista, buscando como acima foi referido um sentido para a existência, esquecendo-se aqui uma sequência cronológica das três fases.

Os dois poemas (outros poderíamos escolher) que se seguem são bons exemplos do sentimento anticlerical do poeta açoriano.

Podemos verificar através de ambos os tercetos do soneto *A um Crucifixo*, a ridicularização da acção do Cristo, molestando a sua vivência, criticando o falhanço que foi a sua vida:

#### A um Crucifixo

Há mil anos, Cristo, ergueste os magros braços  
E clamaste da cruz: há Deus! e olhaste, ó crente,

O horizonte futuro e viste, em tua mente,

Um alvor ideal banhar esses espaços!

Por que morreu sem eco, o eco de teus passos,

E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?

Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente

Arrojaras de novo à campa os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,

A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,

Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudário...

E agora, como então, viras o mundo exangue,

E ouviras perguntar — de que serviu o sangue

Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário?

O poema seguinte mostra-nos um Antero sarcástico para com a “obtusidade divina”, chegando mesmo a fazer-nos “rir”, em que no último terceto os



deuses parecem irritados com os homens, porque estes os criaram.

### Divina Comédia

Erguendo os braços para o céu distante  
E apostrofando os deuses invisíveis,  
Os homens clamam: — «Deuses impassíveis,  
A quem serve o destino triunfante,

Porque é que nos criastes?! Incessante  
Corre o tempo e só gera, inestinguíveis,  
Dor, pecado, ilusão, lutas horríveis,  
N'um turbilhão cruel e delirante...

Pois não era melhor na paz clemente  
Do nada e do que ainda não existe,  
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?»  
Mas os deuses, com voz inda mais triste,  
Dizem: — «Homens! por que é que nos

criastes?»

Mesmo na sua fase de maior “contemplação divina”, como no poema *O Convertido*, remata o soneto com o seguinte conjunto de versos, duvidando da existência de um deus:

...Amortalhei na Fé o pensamento,  
E achei a paz na inércia e esquecimento...  
Só me falta saber se Deus existe!

Após uma vida entre dúvidas existenciais e questiúnculas, Antero regressa a Ponta Delgada, ultimando-a com dois tiros na boca no banco de um jardim de um convento, onde ironia das ironias, sob a parede do mesmo encontrava-se escrita a palavra “Esperança”.

Continuando a investida sobre o anticlericalismo português, vamos encontrar nascido a 6 de Junho de 1848,



em Lisboa, o poeta e crítico literário António Gomes Leal.

Gomes Leal, frequentou o Curso Superior de Letras, sem no entanto o ter concluído, empregando-se como funcionário de um Notário em Lisboa. Durante a sua juventude viveu como um boémio poeta satânico. A sua vida termina na miséria vivendo da caridade alheia, saboreando as ruas de Lisboa como um vagabundo. Fundador de vários jornais e colaborador de tantos outros, deixou uma obra inserida nas correntes decadentista, parnasiana, ultra-romântica e simbolista, opondo-se ao naturalismo e realismo.

Da sua obra literária, somos herdeiros, entre muitos poemas, estes dois que passo a citar:

### Acusação à Cruz

Ha muito, ó lenho triste e consagrado!  
Desfeita podridão, velho madeiro!  
Que tens avassalado o mundo inteiro,  
Como um pendão de luto levantado.

Se o que foi nos teus braços cravejado  
Foi realmente a Hostia, o Verdadeiro,  
Elle está mais ferido que um guerreiro  
Para livrar das flexas do Peccado.

Ha muito já que espalhas a tristeza,  
Que lutas contra a alegre Natureza,  
E vences ó Cruz triste! Cruz escura!

Chega-te o inverno, symbolo tremendo!  
Queremos Vida e Acção- Fica-te sendo  
Um emblema de morte e sepultura!

### As Cathedraes

Como vos amo ver ó cathedraes  
sosinhas,  
A recortar o azul das noutes constelladas!  
Erguidos corucheus, mysticas  
andorinhas,  
- Ó grandes cathedraes do sol ensanguentadas!

Como vos amo ver, pombas alvo-  
roçadas!  
Ogivas ideaes, anjos de puras  
linhas,  
E ó criptas sem luz, aonde embalsamadas  
Dormem de mãos em cruz as santas e as rainhas!

Em vão olhaes o Ceu sagradas  
epopeias!  
Flores de renda e luz, d'incenso e  
aromas cheias,  
Aves celestiaes banhadas da manhã!





Em vão santos e reis, ó monges dos desertos!

Em vão, em vão resais, sobre os livros abertos,

- O Ceu por que chorais é uma ficção christã!

Ambos pertencem à obra *Claridades do Sul*, escrita em 1875, em que o poeta define por excelência a cruz como um emblema de morte e sepultura e não de salvação (*Acusação à Cruz*) e, o céu como não sendo mais do que uma ficção romanceada do cristianismo (*As Cathedraes*).

Abílio Manuel Guerra Junqueiro, nasceu em Freixo de Espada à Cinta, em 17 de Setembro de 1850, bacharel de direito pela Universidade de Coimbra, exerceu diversas profissões, a nomear: funcionário administrativo, político, deputado, jornalista; e, na literatura portuguesa foi escritor e poeta. Amigo de Antero de Quental, onde com o açoriano exerceu relevância no movimento *Geração de 70*.

Das suas treze obras, a mais deificada foi claramente *A Velhice do Padre Eterno*, publicada em 1885, obra poética que provocou exacerbadas reacções da parte da Igreja Católica, principalmente na pessoa do polemista português, o cônego José Joaquim de Sena Freitas.

Guerra Junqueiro, foi quase sempre conotado com a sátira e virulência anticlerical.

De um lirismo impressionante, dono de uma capacidade extrema em criar ricos artifícios literários, através do qual se pretende fazer ressaltar a pureza, a beleza das coisas naturais, simples, quiçá, bem ao estilo de Anton Lavey, em que o natural marca o ritmo da música, como tal, muito presentes na estrutura temática de *A Velhice do Padre Eterno*, contrastando com as crenças religiosas escleróticas.

Ó almas que viveis puras, imaculadas

Na torre de luar da graça e da ilusão,

Vós que inda conservais, intactas, perfumadas,

As rosas para nós há tanto desfolhadas

Na aridez sepulcral do nosso coração;

Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,

Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas

Como é ele é velho, com o frio Tósse; e Prudhome diz-lhe então:

- Deus, aqui tens êste bacio...  
Não vás cuspir no meu salão.

E às vezes do alto do infinito,  
Talvez depois dum mau jantar,  
O Padre Eterno faz cabrito,  
E enche o bacio a transbordar.

E o pote enorme onde cuspinha  
O truculento Manitu,  
Sem ninguém ver, logo à  
noitinha  
Vai despejá-lo Belzebut."

Jeová, por alcunha antiga - o Padre Eterno,

Deus muitíssimo padre e muito pouco eterno,

Teve uma ideia suja, uma ideia infeliz:

Pôs-se a esgaravatar co' o dedo no nariz,

Tirou dêsse nariz o que um nariz encerra,

Deitou isso depois cá baixo, e fez-se a terra.

Em seguida tirou da cabeça o chapéu,

Pô-lo em cima da terra, e zás, formou o céu.

Mas o chapéu azul do Padre-Onipotente

Era um velho penante, um penante indecente,

Já muito carcomido e muito esburacado,

E eis aí porque o céu ficou todo estrelado.

Depois o Criador (honra lhe seja feita!)

Achou a sua obra uma obra imperfeita,

Mundo sarrafaçal, globo de fancharia,

Que nem um aprendiz de Deus assinará,

E furioso escarrou no mundo sublunar,

E a saliva ao cair na terra fez o mar.

Depois, para que a Igreja arranjasse entre os povos

Com bulas da cruzada alguns cruzados novos,

E Tartufo pudesse inda dessa maneira

Jejuar, sem comer de carne à sexta-feira,

Jeová fez então para a crença devota

A enguia, o bacalhau e a pescada marmota.

Em seguida meteu a mão pelo sovaco,

Mais profundo e maior que a caverna de Caco,

## ***"Como país periférico do velho continente fomos e continuaremos, para mal dos nossos pecados - a ser um dos últimos vagões do comboio europeu (...)"***

E arrancando de lá parasitas estranhos,

De toda a qualidade e todos os tamanhos,

Lançou-os sobre a terra, e dêste modo insonte

Fez êle o megatério e fez o mastodonte..."

Guerra Junqueiro inicia o poema com uma estrofe de pureza, "luz" e simplicidade, como que fosse só para enganar, e a pouco e pouco o texto poético vai-se transformando num violento ataque à Igreja, à religião católica e aos seus "ministros". O golpe final no touro cansado na arena é dado na forma blasfémica como analisa a criação do mundo (Génese das Escrituras).

Toda a obra *"A Velhice..."* é uma brutal e mastodôntica análise bem "satânica" da Igreja e das suas concepções de Deus, e correspondente filosofia teísta.

Haverá, quer na literatura lusitana, quer um pouco por todo o mundo, obras tão sarcásticas como esta, mas, mais do que esta, editada na cidade do Porto, nos finais do século XIX, será, por ventura, muito difícil de encontrar. Os poemas acima transcritos são apenas uma amostra do conteúdo negro e anti-religioso desta magnânime peça escrita na língua de Camões.

Fernando António Nogueira Pessoa, nasceu em Lisboa, a 13 de Junho de 1888, comumente conhecido por apenas Fernando Pessoa.

Considerado pelo crítico literário Harold Bloom como um dos maiores poetas Universais, e a sua obra, um legado da língua portuguesa no mundo.

Viveu parte da sua juventude na África do Sul, onde seguiu a sua mãe,



casada em segundas núpcias com o comandante João Miguel Rosa.

Em 1905 volta definitivamente para Portugal, vivendo sozinho em Lisboa. Frequentou o Curso Superior de Letras que abandona.

Exerceu entre muitas profissões: crítico literário, editor, empresário, mas gostava de se identificar como correspondente comercial de várias firmas.

Criou uma obra ímpar assente em três heterónimos: Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, e um semi-heterónimo: Bernardo Soares. Eles foram nada mais do que formas diferentes de ver o mundo pelos mesmos olhos.

Óbvio que, como em todos os grandes pensadores Universais, a dúvida entre deus e o "Diabo" mantinha-se presente em todos os dias da sua vida, e como ele próprio dizia: "*Se depois de eu morrer, quiserem escrever.....a minha biografia....tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte, Entre uma e outra todos os dias são meus*". in *Poemas*

*Inconjuntos.*

Nunca se poderá com toda a certeza definir, qual o seu pensamento *post mortem in*, quem o fizer esquece-se das últimas palavras do génio pensador que traduzem nada mais do que dúvidas ("I don't know what tomorrow bring...") "cuspidas" no último soluço de vida.

Não nos esqueçamos que Pessoa interessava-se pelo ocultismo e misticismo, tinha um jeito natural para a astrologia, e chegou mesmo a conhecer o poeta e mago inglês Aleister Crowley, num encontro sensacionalista em Lisboa. Crowley deslocou-se para conhecer o poeta português, após tomar conhecimento da sua capacidade astrológica, onde o "pai da Telema" simulou o suicídio na "Boca do Inferno".

Quem disser que este homem é um profundo crente, um homem de fé, e que nunca teve uma relação com o "lado negro" da vida, então pasme-se com o seguinte poema de *O Guardador de Rebanhos* da autoria do seu heteróni-

mo Alberto Caeiro:

"Eu nunca guardei rebanhos,  
Mas é como se os guardasse.  
Minha alma é como um pastor,  
Conhece o vento e o sol  
E anda pela mão das Estações  
A seguir e a olhar.  
Toda a paz da Natureza sem gente  
Vem sentar-se a meu lado."

"Tinha fugido do céu.  
Era nosso demais para fingir  
De segunda pessoa da Trindade.  
No céu era tudo falso, tudo em  
desacordo  
Com flores e árvores e pedras.  
No céu tinha que estar sempre sério  
E de vez em quando de se tornar  
outra vez homem  
E subir para a cruz, e estar sempre  
a morrer  
Com uma coroa toda à roda de  
espinhos  
E os pés espetados por um prego  
com cabeça,  
E até com um trapo à roda da  
cintura  
Como os pretos nas ilustrações.  
Nem sequer o deixavam ter pai e  
mãe  
Como as outras crianças.  
O seu pai era duas pessoas –  
Um velho chamado José, que era  
carpinteiro,  
E que não era pai dele;  
E o outro pai era uma pomba  
estúpida,  
A única pomba feia do mundo  
Porque não era do mundo nem era  
pomba.  
E a sua mãe não tinha amado antes  
de o ter  
Não era mulher: era uma mala  
Em que ele tinha vindo do céu.  
E queriam que ele, que só nascera  
da mãe,  
E nunca tivera pai para amar com  
respeito,  
Pregasse a bondade e a justiça!"

"Diz-me muito mal de Deus.  
Diz que ele é um velho estúpido e  
doente,  
Sempre a escarrar no chão  
E a dizer indecências.  
A Virgem Maria leva as tardes da  
eternidade a fazer meia.  
E o Espírito Santo coça-se com o  
bico  
E empoleira-se nas cadeiras e suja-  
as.  
Tudo no céu é estúpido como a  
Igreja Católica.  
Diz-me que Deus não percebe nada  
Das coisas que criou





“Se é que ele as criou, do que duvido”.

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa), começa o poema *O Guardador de Rebanhos*, recheado de um lirismo repleto de amor por tudo o que existe na Natureza. Viajando aqui de mãos dadas com o panteísmo. Mas, de seguida, entrámos em águas profundas de um manifesto anticlericalismo.

Todo o poema é de uma violência anticlerical tremenda, num ataque feroz à Trindade (dogma principal do catolicismo).

Resumindo [Pessoa] no ponto de vista mais obscuro da sua vida literária, podemos-nos questionar como é que alguém que supostamente, por alguns, não é definido como sendo contra a Igreja, escreve a diatribe acima transcrita e, em pleno ano de 1912, já a República se encontrava implantada, logo, a necessidade de se combater uma Instituição (Igreja Católica) amordaçada pela 1ª República, de Afonso Costa e Teófilo Braga, não faria sentido algum.

Assim sendo, quanto a mim, apenas o desejo cravado no seu coração em blasfemar poderá justificar tal atitude.



Após bebermos do conhecimento destas quatro personagens anticlericais e de laivos satanistas, umas mais que outras, tomadas acima como exemplo, há a resumir o seguinte de que, na sociedade portuguesa, nomeadamente a *intelligentsia* que foi beber às fontes estrangeiras da virtude (filósofos, poetas, ensaístas) e cheiraram o perfume do Iluminismo francês (Diderot, D'Alembert, Voltaire, Rousseau), houve um desejo interior de radicar na antiga pretensão cristã de que todo o poder vem de deus. Deus esse, capaz de agir com supremacia sobre as nações, as mais fortes, inclusive. Assim, estes *bem-aventurados e outros* lutaram pelo primado do poder civil. Este ideal ganhou contornos em todos os campos de desenvolvimento humano (filosofia, política, etcetera). Frágil havia sido a nossa história no que respeita à separação Igreja/Estado, no que alguns soberanos monarcas se submeteram à Igreja. A Inquisição, a promiscuidade declarada e sem pudor entre poder político e credo religioso predominante foram a gota de água para que estes sábios se organizassem ou actuassem individualmente, consoante o caso, em ataques à Igreja. Estes mesmos “homens de letras” influenciaram, com a sua própria forma de exaltarem o mundo, de o verem com olhos biológicos, de olharem para o homem como fruto da matéria e não da experimentação divina, no que, quer o satanismo dos poetas, quer o anti clericalismo



dos escritores, bem presente em quase todos os eruditos, foi o “lume de água” para o modelo político da 1ª República. Modelo esse, que de braços dados com uma nova Constituição e nova legislação, brotaram definitivamente o êxtase do poder civil, e Portugal um verdadeiro estado laico, “no que o céu desceu à terra”. Com o advento da Lei de Separação do Estado e da Igreja (1911), secundarizou-se ainda mais a Instituição religiosa, originou um corte com a Santa Sé, estimulando-se a laicização da sociedade portuguesa, considerando-se como dias de trabalho os dias anteriormente santificados, introduziu-se a lei do divórcio, entre outras medidas muito importantes, fruto do pensamento “obsuro, maligno” e distanciado, sob o ponto de vista cristão, da ordem social dominante (Monarquia/Igreja). Ordem essa, “mãe” de um Portugal carcomido pela fé, providência divina, mergulhado em ocasos, que, infelizmente voltou, no jazido ano de 1917 com as pseudo-aparições marianas.

Assim sendo, compete a todos nós repararmos os factos históricos e não permitirmos que a vida atribulada da

Geração de 70, dos poetas dândis satanistas, como Gomes Leal, por exemplo, a descoberta do homem como indivíduo, em que ele é o seu próprio futuro, essa, a principal fatia da herança por eles deixada, seja esquecida e largada em vão nos anais da história. Se o permitirmos, teremos uma vida sem sentido e significado, e acima de tudo, nem sequer mereceremos cada minuto vivido. •

  
“Chega-te o inverno,  
symbolo tremendo!  
Queremos Vida e  
Acção- Fica-te sendo  
Um emblema de  
morte e sepultura!”  






# Devaneio ou Lucidez

*Naive*

the door

sds07





## DEVANEIO (Que Infantil!)

“Quando somos crianças todos temos tendências satânicas, somos instintivamente satanistas... simplesmente com o crescimento e a influência do meio, perdemos a indulgência inata...”

A história relata o tempo e antecipa o que há-de vir; luz e trevas, sorrisos e lágrimas, rosas e sangue, vida e morte. Do céu até ao abismo se deu a queda e do abismo se eleva a emancipação dos mortais. Não nos enganemos, é preciso que não nos enganemos! Tudo é morte, pois é esse o único espectro que paira cognitivo e estigmatizante sobre a iluminação mental. E é preciso que gritemos! É preciso que nos mexamos! É preciso recolher o pólen da sensação e depositá-lo em outra flor, e depois outro jardim de mil cores tempestuosas florescerá!

É preciso que chovam estalactites sobre as nossas cabeças! É preciso que os lobos uivem e nos arrepiem os sentidos! É preciso manter a chama da escuridão acesa e diluir a insipidez do paladar agreste na frutose do instinto! É preciso sentir tudo e não ter nada, que é dessa vontade que se faz a alma. É do desejar que se faz o espírito, e do conquistar que se faz a matéria! E tudo o mais é tédio e não vale a pena! Como diria um certo personagem clássico de animação: “BORING”!

A tradição é a dança dos corpos em movimento! Não me venham com datas, não me puxem o lustro a memórias, que eu só quero o Agora, e com o sentido excitante do momento desbravarei o presente! Não quero baús cheios de pó nem o cheiro a bafio. Quero antes o perfume da terra molhada e a maresia do orvalho a invadir-me os pulmões! Quero os teus pés a pontapearem-me e os nossos lábios a saborearem-se por entre a água salgada! Quero a lua sorridente num imenso negro e o brilho contemplador dos nossos olhos! Quero um rio a arrastar-nos pela correnteza do Desejo, que somente a ele se vergam todos os meus rituais! E quando amanhecer quero ainda sentir que estou vivo e conquistei mais um dia e mais uma noite à morte! E se alguém me olha com desdém, não me importa quem! Não devo nada à moralidade nem à religião, esses labirintos psíquicos que não levam a lugar algum, apenas antecipam o sepulcro para aqueles que deixaram de se sentir! O meu caminho é a perdição e a incerteza, não será isso a LIBERDADE?

Mas a dor pede-me equilíbrio. Sim, porque a vertigem me assusta e eu já não sou a criança que fazia voar o

baloio! Eu hoje sou um homem e venham de lá os louros e as medalhas! Sou um espécime de influências, intriga e corrupção e venham de lá os meus troféus!

Há por aí tanto pregador de martelo, tanto bruxo capitalizado, tanto chã de esquina, tanta puta divinizada e tanto chulo da consciência! Cada um com os seus rituais e eu a lutar para ser criança! Para ter a maldição da ingenuidade nesta selva de animais e intelectos! Mas que ironia dos diabos!

Contudo ainda sou leão, ainda mordo, e o meu palato sabe ao vigor da sensação, ao bisturi que dilacera as camadas da retracção! E de entre os gritos do abismo o meu é mais um a desafiar os suicidas com um sorriso jocoso nos lábios!

Há uma montanha para trepar? Certamente que sim, mas eu prefiro saltitar no trilho da serpente e apanhar boleia no voo da águia, sobrevoando as torres de babel erigidas em areias movediças! O que eu não faço por uma sensação!? Para armar um rebuliço na morgue da estupidez e macambuziar com o vulto dos mártires! E “se tudo vale a pena quando a alma não é pequena”, uma simples sensação se torna a redenção máxima do estigma da letargia!

E agora cantemos todos: “Abram alas para o (pode-se dizer o nome do infame?) no seu carro amarelo... que o dia vai ser tão belo!” E de repente uma voz hostil quebra-me o devaneio da sensação: “Que infantil! Deixa-te de brincadeiras e vai mazé trabalhar!”

## LUCIDEZ (Isto do Ego...)

Nesta segunda parte não vou elogiar nem criticar nada nem ninguém. Afinal tudo sofre de uma extrema subjectividade, e normalmente as razões e convicções que guardamos para nós ou apregoamos aos sete ventos depreendem-se a partir de algo que nos toca a nós pessoalmente de uma forma positiva ou negativa. Mas se o diálogo teórico e sensacionalista tem algum pressuposto não será por certo o de mudar o que quer que seja em algo ou alguém, cada um muda por si se for essa a sua vontade interior, e para melhor ou para pior só essa pessoa é que o pode determinar, consoante a forma como se relaciona consigo mesmo e com os outros. Deixemos por isso intelectualismos de lado e uma qualquer superioridade existencial que isso nos pudesse dar.

A intenção não é mudar o mundo, porque ele já se muda a si mesmo com

*“Não quero baús cheios de pó nem o cheiro a bafio. Quero antes o perfume da terra molhada e a maresia do orvalho a invadir-me os pulmões!”*

o tempo, e as pessoas vão absorvendo essas mudanças gradualmente pelos chamamentos a que se entregam, e não pelo vácuo a que nos força a nossa ansiedade de integração sempre numa era errada, no contexto social errado, na lida com as pessoas erradas, enfim tudo está errado, menos nós!

Nós somos normalmente demasiadamente perfeitos ou imperfeitos para este mundo, preciosidades ou vítimas do mesmo, e os nossos egos lá vão puxando o lustro à sua vitrina ou escurecendo a visão que o indivíduo tem de si. E a solução é matar o Ego, como algumas ideologias mais espirituais anunciam? Claro que não! Só sugere isso quem sente a impotência para lidar com ele. O Ego nasceu connosco, e talvez seja inclusive o traço mais característico da nossa individualidade desde a nascença, antes de nos deixarmos enveredar por caminhos mais ou menos filosóficos.

Se o Ego tivesse um sentido tão prejudicial ao ser, por certo não existiria dentro de nós, e se alguma espécie de tese me apraz desenvolver sobre o mesmo é que ele é a eterna representação da infância no espírito humano, o lado animal que ainda sobra e se revolta depois de tanta racionalidade que desenvolvemos com vista à interacção no meio social, *Satan* em toda a sua potência e inspiração, quebrando as legislações instituídas ao comportamento! A partir daí, do primórdio da condição humana, da criancice ou infantilidade, é que se desenvolve toda a sua génese histórica, todo o seu metabolismo opositor no meu sóbrio entender.

Não há que amputar algo imanente à nossa natureza individual como é o Ego, principalmente pela força motora e criativa que ele exerce sobre nós, isso seria como cortar um braço, tentando fazer um paralelo mais físico. Há sim



que saber controlar o seu lado destrutivo, saber quando resguardar o seu ímpeto mais predador e quando dar-lhe liberdade.

Nesse sentido vou contar uma experiência que para mim foi a mais reveladora nesse sentido até hoje. Não foi nenhum livro que li de um qualquer génio do pensamento, foi uma simples e muito proveitosa ida à praia, a primeira com o meu filho de 5 anos, na altura com 4, que me abriu os olhos neste sentido.

Normalmente quando venho com ele na rua, marco um perímetro visual para controlar tudo o que diga respeito ao seu movimento e às incidências mundanas que se lhe possam deparar no caminho, mormente estradas e outros perigos urbanos. A rédea que tenho para com ele é muito curta e existe sempre um cerco chamado a minha mão que não o deixa aventurar-se para

lá daquele limite que já possa constituir um perigo para a sua integridade física. Por ele desatava a correr no meio da rua, porque o seu instinto assim o pede, mas eu não deixo quando sinto alguma espécie de ameaça que possa surgir no sistema de probabilidades que sempre concebo na minha mente paternal.

Em idades mais primitivas da consciência havia uma certa “ingenuidade” da parte dos progenitores para com os seus rebentos, deixando-os explorarem todos os seus ímpetos animais e não era raro darem com eles mortos, aliás a mortalidade infantil era muito elevada nessas alturas por falta de vigilância e protecção dos pais. E mesmo embora “A inconsciência seja o fundamento da vida...” como escreveu Bernardo Soares no *Livro do Desassossego*, tem sido fundamental também a consciência para garantir e preservar

ao máximo essa mesma vida.

Chegámos à praia, e os olhos dele abriram-se de espanto, a tentarem agarrar toda a paisagem com o olhar por onde a alma espreitava e se deixava extasiar com tanto encantamento pela natureza em estado bruto que contemplava. Areia e mais areia e mais areia e ainda mais areia para ele correr, ondas a desfazerem-se em espuma aos seus pés. “Tanto espaço para eu me mexer” deve ter ele pensado euforicamente, porque nem sabia para onde se havia de virar. Não cabia em si de contente, correu como um cavalo largado à solta numa pradaria, saltou como um canguru, chapinhou na água à beira mar, brincou com outras crianças, construiu as suas figuras na areia e erigiu castelos sobre a mesma, onde o coroámos Rei, e sem dúvida que não havia melhor reinado para ele governar do que aquele momento de liberdade selvagem e êxtase puro com a toda a natureza marinha em seu redor!

Claro que o mar assusta sempre qualquer mãe ou pai, e o farol parental está sempre acesso, contudo, pelo seu sorriso radiante ao longo do dia arrisco-me a dizer que foi quase tão redentor para mim quanto foi para ele viver aquela experiência libertina. Digo “quase” porque já não sou uma criança por inteiro, mas vou-me esforçando para preservar a parte que ainda me resta, afinal “O verdadeiro homem é aquele que nunca perde o seu coração de criança”. No meu caso, para mim essa criança é o Ego e a sua praia é a Arte, no pouco tempo que a ela me dedico.

Quando o meu Ego emerge à superfície por certo não espera que lhe ensinam nada nem vem com mensagens redentoras do além para transmitir à humanidade, apenas vem à procura de espaço, liberdade, e outras crianças para brincar. É tudo uma questão de identificação, e normalmente só damos crédito àquilo que realmente está dentro de nós. Por vezes só vemos e sentimos isso é através da Arte dos outros.

Segundo consta LaVey antes de tudo era músico, e também Nietzsche escreveu peças musicais. Ora, com toda a sensibilidade e sentido de persuasão que essa Arte abstracta pressupõe de uma pessoa e inspira na mesma, talvez por aí também se explique um pouco da génese Satânica... ou então sou só eu a tentar perceber o que é que me atrai tanto no Satanismo e na sua filosofia da individualidade... no fundo tenho para mim que se há coisa omnipresente na vida, que a exalta e condecora, é a Música e toda a Arte em si. •





# Quem conta um conto aumenta um ponto

Vitor V.

*Pensar em história e tradição Satanista é optar por percorrer um caminho tortuoso, confuso, de limites muito pouco definidos. Muito se diz, muito se sabe, muito se lê, muito se escreve. Mas até onde vai a fronteira de onde começa a veracidade histórica e a fantasia de uns e outros? Ou ainda, é de facto pertinente traçar uma linha dividindo estas duas instâncias?*

Se partíssemos de duas palavras-chave para iniciar um debate, sendo elas História e Satanismo, muito se poderia pensar sobre as circunstâncias históricas que permitiram que a religião pudesse ser instituída. Isto é, teríamos de compreender não somente as muitas vozes que precederam LaVey e a fundação e organização da religião Satanista, mas também o próprio contexto da sua época que permitiram que tal sucedesse. Pois não se pode entender a estrutura da religião instituída por LaVey, muito menos a própria Bíblia Satânica, tanto no que diz respeito à sua forma, como quanto



## Quem conta um conto

ao seu conteúdo, sem compreender o que se pensava àquele tempo, como as pessoas entendiam a religião e qual o seu papel dentro da sociedade.

Mas aos olhos de muitos a historicidade do Satanismo não se limita a Bíblia Satânica e tudo o que veio depois dela. Pelo contrário, a via segue a mão contrária. O interesse volta-se muito mais para um fantasioso passado situado em algum momento secreto do tempo, do que para uma reflexão a partir do conhecido, a partir do sabido, a partir do claramente delimitado. Conflitam então duas visões: aquelas que olham para um possível momento anterior da história que de alguma forma apresenta a gradação e o desenvolvimento de ideias que culminaram no Satanismo; e aquela que assim o considera a partir de sua instauração formal e concreta, isto é, com base na publicação da Bíblia Satânica e da criação da *Church of Satan*.

Considerando esta última, temos aquilo que poderia ser considerado uma forçosa redução do que de facto viria a ser o Satanismo. A sua unidade realiza-se a partir dos “limites” estabelecidos por LaVey. E por limites refiro-me a dogmas ou qualquer tipo de amarra dogmática. Trata-se apenas de estabelecer até onde vai o que recebe o nome da religião.

É inegável que certas delimitações não dão conta de pensamentos e ideias. Não estamos aqui a tratar de fronteiras geográficas numa zona de guerra, onde cada soldado sabe exactamente onde deve ou não pisar. Não podemos de forma alguma deixar de lado toda uma vasta gama de reflexões que se desenvolveram através de muitos outros pensadores para que LaVey pudesse “fundar” o Satanismo. Não podemos pensar hoje num moderno aparelho eletrónico sem compreender que cada um dos seus menores mecanismos um dia foram desconhecidos aos olhos do homem, e que muito precisou ser pensado e feito para que pudessem surgir. Quando falamos em pensamento, podemos pensar naquela máxima de Lavoisier: todo texto resgata elementos de textos anteriores a ele produzidos, bem como antecede de igual maneira outros futuros. E quando digo texto, refiro-me a pensamento, linguagem.

Esta expansão de pensamento, que por sua vez pressupõe uma mesma correspondente no que diz respeito ao decorrer histórico, não encontra equivalência naquilo que se diz ser uma história Satanista. Eis o conflito. A segunda visão, compreendendo este elo que há em cada dogma religioso e

todas as outras muitas ideias que os precedem, irá, por sua vez, ofuscar a linha a partir da qual se inicia a história Satanista e se “encerram” os pensamentos a ela anteriores. Isto é, não se pode determinar com precisão onde de facto começou o Satanismo.

Muitos situam o culto ao opositor já na Idade Média. Pensar no contexto histórico da época considerando a influência que a Igreja Católica exercia na forma de pensar das pessoas levamos a encontrar facilmente as mais diversas manifestações e expressões relacionadas a *Satan*, ou qualquer outro nome que o valha. Esta datação histórica é clássica, mas extremamente questionável.

Quem quer que se dedique a uma verdadeira pesquisa em livros, documentos e outras fontes históricas, com certeza vai encontrar inúmeras referências. Entretanto, podemos de facto categorizar isto como Satanismo? Ao fazê-lo incorremos aqui num problema quando pensamos no que determina a

unidade do sistema religioso Satanista. Este é um elemento fundamental na discussão, muitas vezes esquecido.

Por unidade, compreende-se aquilo que torna algo um, único, ou seja, define a sua identidade, distingue-o dos demais. Isto possibilita inúmeras gradações que dão origem às mais diversas incompreensões. Sendo muito amplo acabamos por permitir que tudo seja chamado de Satanismo. A religião perde assim a sua unidade e elementos que não façam parte das suas premissas mais essenciais acabam por ser colocadas ao lado de outras completamente diferentes.

Não é raro, hoje em dia, vermos diversos “tipos” de Satanismo. Cada pessoa deseja um para si, de acordo, naturalmente, com suas predileções e interesses. A partir disto, forjam-se as mais desesperadas tentativas de validar que algo aquele pensamento tem para ser chamado de Satanismo. Pois exactamente o mesmo ocorre quando se pensa numa historicidade Satanista.







Para que seja valorizado um culto, um ritual, uma forma de pensar, um símbolo, enfim, para que um determinado elemento ganhe algum tipo de destaque, ele é imediatamente rotulado de satânico. E não raramente com forte apelo estético.

Trata-se de uma inclinação quase que automática quando se pensa em “satanismo”. Não a religião, mas o nome por si próprio e toda a carga de imaginário que ele traz. Não querendo entrar em méritos psicológicos, mas o que se pode perceber é uma atracção fortíssima por cânticos secretos, rezas para invocar demónios, rituais com espadas, mantos negros, enfim. E o que não percebemos é que toda esta forma nada mais é senão a consagração daquilo que a nossa cultura sempre colocou como ruim, como errado, como diferente, como misterioso, e tudo isto, de alguma forma, atrai. E muito.

Enquanto que, por outro lado, se pensarmos em pressupostos morais, em propostas de acção, em reflexões sobre as nossas acções e consequências;

eis aí um temas pelos quais poucos se interessam. E ora, é exatamente aí que reside a grandiosidade do sistema religioso Satanista: a sua proposição de conduta. E na história “pré-LaVey” onde é que isto se encontra? Em livros de filosofia. Sem imagens, sem rituais, sem mistério...

E enquanto estes muito falam, o que nos diz toda aquela “fantasia negra” de conjurações, exorcismos, possessões, etc. etc. etc.? Naturalmente, muito de tradições históricas, do pensamento daquele tempo, dentre outros. Mas e onde entra o que o Satanismo apresenta? Reparem que se olha para o passado em busca de elementos daquilo que, sem qualquer ocultismo, se apresenta como Satanismo: LaVey, Bíblia Satânica, *Church of Satan*; e não o contrário! Pois independente de hipóteses e conjecturas que possam ser feitas acerca de um passado histórico satanista, há uma concretude, uma veracidade histórica que não pode ser deixada de lado. Ora, por que motivo aqueles que enchem a boca para di-

zer que a história da Bíblia se modificou por aqui e acolá tornando as suas verdades questionáveis não fazem o mesmo com a história dita Satanista? Pois se não há qualquer documento onde fique claro que se trata de uma “religião Satanista histórica”, e, mais do que isto, que se assemelha à de LaVey, como garantir que não passam de apropriações feitas indevidamente simplesmente por ter querido o autor o rótulo de satânico para a sua obra?

Pensemos ainda na grande fonte de “conhecimento” satanista dentre outros da mesma natureza “do mal”: a internet. Basta que eu produza um texto dizendo ter origens em séculos remotos, e pronto, eis uma nova verdade. Tratar-se-á de um poderosíssimo ritual executado pelos monges negros do século VIII, reproduzido secretamente por gerações, e agora disponível em PDF.

Questionável ainda seria se tudo isto que considero fantasia não teria de alguma forma rendido bons frutos para o desenvolvimento do pensamento Satanista, ou ainda exercido considerável influência na fundação deste enquanto religião. Inegável é que haja esta influência. Bem como também é preciso que se reconheça que em muito ela pode acrescentar a uma prática individual. Longe de mim querer negar esta possibilidade; nada poderia ser menos satanista.

Entretanto, reconheço que haja uma preferência muito clara quanto as mais diversas “faces” do Satanismo, e, infelizmente, em inúmeros casos a sua verdadeira essência é deixada de lado, por conta do mais puro apelo exterior, estético, superficial. Deixar-se de pensar nos passos caminhados pela religião ao longo do tempo desde LaVey para que se fique a sonhar com uma tradição que se sustenta pelos seus segredos e mistérios a uns tão irresistíveis.

Penso ser muito mais válido, tanto para o Satanismo enquanto algo mais impessoal como para cada prática individual, refletir sobre o desenvolvimento da religião ao longo da sua conhecida e reconhecida história, e como essa evolução se manifesta nos dias de hoje, bem como pensar sobre os de amanhã. Muito tempo já se perdeu entre viagens no tempo e apropriações que a lugar algum nos levam. A religião Satanista não se encontra estagnada no tempo. Chega dos olhos cansados que se deleitam em viver em contos de fadas onde bruxas e diabretes são os personagens principais... •



Ref. Outro004



HellOutro  
apresenta

# LA CHANSON NOIRE

MÚSICA PARA OS MORTOS